

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**ANTONIO DIOGO GREFF DE FREITAS**

**OS BYTES CONTAM HISTÓRIAS. DO WIKILEAKS AO FACEBOOK:  
REFLEXÕES ACERCA DA RELEVÂNCIA DAS FONTES HISTÓRICAS NO  
CIBERESPAÇO A PARTIR DO ATIVISMO (2010-2013)**

**Curitiba**

**2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**ANTONIO DIOGO GREFF DE FREITAS**

**OS BYTES CONTAM HISTÓRIAS. DO WIKILEAKS AO FACEBOOK:  
REFLEXÕES ACERCA DA RELEVÂNCIA DAS FONTES HISTÓRICAS NO  
CIBERESPAÇO A PARTIR DO ATIVISMO (2010-2013)**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito para conclusão do Curso de História, Setor de Ciências Sociais Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karina Kosicki Bellotti

**Curitiba**

**2013**

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico esse trabalho aos meus familiares e amigos que percorreram junto comigo essa grande experiência da faculdade. Agradeço ao meu pai, o qual deu todo o suporte para que tal feito fosse atingido, assim como a minha mãe e irmãos que acreditaram nessa empreitada. Não deixando de mencionar alguns nomes de pessoas especiais como a Letícia, meu pai Ivanir, minha mãe Neuza, meus irmãos Rodrigo, Juliane, Antonio Paulo e Ivana. Como também meus amigos Fabinho, Edson, Leleo, GP, Steffen, Goiás, Brasília, Pagode, Wagner, Xandinho, Nicole, Milton, entre outras pessoas que me incentivaram a seguir uma carreira difícil, porém apaixonante.

Aos amigos que fiz, ao ogrobol no pátio da reitoria, aos professores do departamento de história que me inspiraram, em especial a professora Karina minha orientadora.

Um quebra costela pro GRR 2009!

**“Essa faculdade de apreensão do que é vivo, eis justamente, com efeito, a qualidade mestra do historiador”  
Marc Bloch.**

## RESUMO

Com o advento da rede mundial de computadores, sobretudo sua relevância cada vez maior a partir da década de 1990, é natural que o historiador do tempo presente acabe por tomar outras fontes primárias como ferramentas de trabalho, e não somente a fonte física tradicionalmente usada. Dessa forma, nada melhor que buscar desenvolver uma pesquisa sobre o tempo presente, usando de algum exemplo ou fato para simultaneamente também acabar estudando as suas relações teóricas. Tendo isto em vista, este trabalho pretendeu, a partir dos eventos históricos de ativismo entre 2010 e 2013, sobretudo no Egito, como também no Brasil e Turquia, e do documento chamado *Collateral Murder* vazado pelo site Wikileaks, problematizar se é possível que informações, relatos, vídeos ou as diversas formas de comunicação na Web poderiam ser fontes primárias em uma pesquisa histórica. Dessa forma, este trabalho buscou responder a problemática central que é identificar as dificuldades, possíveis métodos, relação com a historiografia e reflexões acerca da relevância dessas fontes no ciberespaço para o ofício do historiador.

**Palavras-chave:** Fontes Primárias no Ciberespaço, Ativismo na Web, Facebook e Wikileaks.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>4</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>1.HISTÓRIA, COMUNICAÇÃO E CONTEXTO</b> .....	<b>7</b>
1. 1. Comunicação na História.....	7
1.2. Protestos ao redor do mundo 2010-2013.....	12
1.3.Wikileaks.....	17
1.4 Facebook.....	19
<b>2. REFLEXÕES TEÓRICAS</b> .....	<b>21</b>
2.1. História do tempo presente.....	21
2.2. História Cultural.....	25
2.3. Cibercultura e História.....	29
<b>3. HISTÓRIA NO CIBERESPAÇO</b> .....	<b>34</b>
3.1 We are all Khaled Said.....	34
3.2. Carlos Latuff.....	46
3.3.Collateral Murder.....	56
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>63</b>
<b>FONTES</b> .....	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>66</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a utilização de fontes primárias da Web para a pesquisa do historiador a partir do ativismo online entre os anos de 2010 e 2013. Ativismo que engloba os protestos perpetuados na Web e nas ruas dos países Egito, Brasil, Turquia e vazamento de dados do Wikileaks nesse período. Teve como objetivo identificar as maiores dificuldades que o historiador tem ao analisar fontes no ciberespaço e relacionar estas fontes com a historiografia usando de fontes primárias no ativismo como exemplo.

Para isto, o trabalho foi dividido em três momentos, ou três capítulos. Num primeiro momento os estudos passaram por uma análise bibliográfica sobre a história da comunicação, papel da comunicação na história e contextualização do período de 2010-2013. Em um segundo momento a pesquisa teve como base as relações teóricas da história e da comunicação. Tendo como objeto central a história do tempo presente e história cultural, assim como os estudos sobre a teoria da comunicação. Nesse momento, autores como Michel Foucault em “A Ordem do Discurso”, Peter Burke em sua obra “O que é História Cultural?”, Jacques Le Goff em “História e Memória”, Henry Jenkins em “Cultura da Convergência”, Alex Primo no título “Interações em Rede”, A. Chauveau e Ph. Tétard em “Questões para a história do presente”, entre outros, formaram a base dessa parcela da pesquisa. Por fim, no terceiro capítulo uma análise das fontes primárias que serviram de exemplo para responder a problemática central que é identificar as dificuldades, possíveis métodos, relação com a historiografia e reflexões acerca da relevância dessas fontes no ciberespaço para o ofício do historiador. As quais foram mais especificamente, a página denominada *We are all Khaled Said* (versão em inglês) no Facebook onde se encontram inúmeras imagens, vídeos, textos, organização de eventos de protestos, reportagens sobre os movimentos sociais no Egito desde praticamente o princípio dos eventos em 2010. Tal página originalmente desenvolvida por Wael Ghonim visava organizar os protestos e disseminar informações sobre os levantes no país Africano. O site Wikileaks que armazena o vídeo denominado *Collateral Murder*, com cerca de 40 minutos, que retrata o vídeo vazado por Bradley Manning e demonstra os casos de assassinatos perpetuados pelos americanos no Iraque. Como também, charges do cartunista Carlos Latuff, que retratam levantes populares na Turquia e Brasil.

## **1. HISTÓRIA, COMUNICAÇÃO E CONTEXTO**

Nesse primeiro capítulo será tratada a relevância da relação entre comunicação e história, partindo dos interesses mútuos dessas duas formas de conhecimento, e chegando numa contextualização de eventos históricos em que a comunicação teve um papel importante. Logo em seguida, a pesquisa passará por uma contextualização dos eventos de protestos que ocorreram entre 2010 e 2013 ao redor mundo. Partindo de uma forma geral e analisando alguns precedentes sobre os levantes no norte da África, logo em seguida os protestos no Brasil e Turquia. Por fim, uma apresentação dos sites Wikileaks e Facebook.

### **1.1 COMUNICAÇÃO NA HISTÓRIA**

Enquanto a comunicação vê prioritariamente a história como possibilidade de adentrar o passado e recuperar, neste mesmo passado, fontes inteligíveis que podem trazer o passado para o presente, a história considera emblematicamente os meios de comunicação como ferramentas disponíveis para a compreensão de um contexto mais amplo invariavelmente localizado no passado.<sup>1</sup>

Esta reflexão de Marialva Carlos Barbosa sintetiza esse limiar entre os estudos de comunicação e história. Tanto para um campo quanto para outro, os estudos são mais do que de ajuda mútua, são estudos bem estruturados que buscam um entendimento maior sobre a comunicação e sua história, assim como sobre o papel da comunicação na história. No caso para a história, é um dos meios para atingir, buscar e reconhecer a principal matéria prima do historiador, os vestígios, os rastros históricos, as fontes primárias. Essa interconexão possibilita para o pesquisador do passado entender sociabilidades, culturas, eventos, influências dos meios de comunicação na sociedade, representações ou ideias de um dado momento histórico tudo a partir de rastros que personagens do passado deixaram em algum meio de comunicação, que por sua vez pesquisadores do presente garimpam até lapidar uma pesquisa ou o deslumbre do entendimento histórico.

---

<sup>1</sup> FERREIRA, Lucia Maria Alves; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 15.

Estes rastros passam a existir em imagens, sons, textos de revistas, periódicos, programas de rádios ou de televisão, entre outros, enfim vestígios que podem trazer o passado para uma análise no presente, como até mesmo afetar o tempo presente. Estes vestígios são ações, processos de atores sociais que em sua existência efetuam ou praticam atos comunicacionais. Em suma, o rastro do ser humano é também um ato comunicacional. Sobretudo após o surgimento da impressão no século XV, ou ao menos quando o ser humano passa de forma mais intensa a registrar o tempo presente num documento duradouro. Assim sendo, se tornam atestados de acontecimentos de lugares e tempos distintos. Não deixando de destacar as inúmeras facetas de produção desse material, que em momentos é visto pelo próprio ato comunicacional de determinada mídia como legitimador, pois no momento da edição ou até na forma que um fato é posto numa primeira página de jornal pode influenciar na interpretação futura deste produto midiático. Assim, não se esquecendo de levar em conta que, apesar de serem atestados do tempo, devem ser analisados profundamente e com rigor.<sup>2</sup>

Devemos então considerar alguns momentos históricos que ao longo do tempo demonstraram a importância da relação da comunicação com a história. Da comunicação oral na Grécia antiga, à própria imprensa, que Robert Darnton usou em sua obra intitulada “O Beijo de Lamourette”, assim como os jornais no século XIX que Benedict Anderson contempla para descrever o que ajuda a moldar uma consciência coletiva e nacional, à “era do rádio”, o qual Peter Burke e Asa Briggs descrevem como de Roosevelt e Churchill, ou de Stalin e Hitler, à invenção do telégrafo, à propaganda na Segunda Guerra Mundial, ou o início da era da televisão na década de 1950, o que, aliás, influenciou no aparecimento dos estudos culturais interdisciplinares na comunicação. Enfim, aos inúmeros exemplos de que a comunicação na história tem um papel de protagonista ao entendermos o passado.<sup>3</sup>

Vale evidenciar um exemplo clássico sobre o impacto da mídia na história, o caso do Vietnã. A Guerra do Vietnã transformou as relações dos EUA com o mundo, tanto em suas intervenções internacionais, políticas ou militares, como em seu cenário interno, a opinião pública americana. Tais fatores se devem em muito às novas relações

---

<sup>2</sup> BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO; Ana Paula Goulart. Comunicação e história. Partilhas Teóricas. Florianópolis: Insular, 2011. p. 10- 12.

<sup>3</sup> BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. Uma História Social da Mídia: De Gutenberg à Internet. 2º ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 13 – 23.



de comunicação do período do conflito, no qual era possível ter informações do outro lado do globo via satélite pela primeira vez e, também a um propenso contexto interno, como as lutas pelos direitos civis, de negros, feministas, estudantes, etc., o qual em momentos dividia a opinião pública americana. Interessante lembrar-se de casos como o da chacina de *My Lai*, em 1968, a qual soldados liderados pelo tenente William Calley executaram cerca de quinhentas pessoas, entre idosos, mulheres e crianças. Tal evento fora divulgado pelos próprios soldados americanos, e chocou a opinião pública estadunidense.<sup>4</sup> Em 1971 61% da população do país se opôs à Guerra do Vietnam, e cerca de 90 mil soldados desertaram.<sup>5</sup>

Adicionando a isso, vale salientar a ofensiva Tet em 1968, mais especificamente a invasão da embaixada americana em Saigon pela resistência (“vietcongues”). Nesse ataque, a imprensa americana teve possibilidade de realizar uma maior cobertura, pois, os ataques se davam numa vasta área, sobretudo em território em que a imprensa se situava, Saigon. Dessa forma, ao contrário da maior parte das notícias provindas do front de guerra, ocorrera que as informações eram produzidas quase que em tempo real, levando em conta também a diferença de fuso horário (o ataque ocorre no dia 30 de janeiro, mas ainda é 29 de janeiro nos Estados Unidos). Importante salientar, que em pouco tempo foi produzido filmes, fotos, reportagens em que mostravam o caos na embaixada americana, como corpos de estadunidenses, e a ação do pequeno grupo vietnamita liderado por Nguyen Van Sal, vista por jornalistas, com um ataque suicida no jornal *Huntley-Brinkley Report*. O fato é que tal cobertura midiática resumiu a ofensiva Tet, o qual resultou numa vitória de 67 mil guerrilheiros vietcongues contra uma região ocupada por 1 milhão e 200 mil soldados, entre americanos e sul vietnamitas. Apesar de tal estratégia não ter sido usada mais no conflito, os americanos acreditaram que tal procedimento tinha como base uma vitória de relações públicas, uma vitória midiática. Ou seja, num momento em que a mídia estava aprendendo com essas novas relações de transmissão em tempo real, assim como, os militares estavam também desenvolvendo modos para controlar essas relações do conflito com a nova forma de mídia, ocorre que a população americana recebe informações e imagens de soldados em pânico, de um caos completo típico de um conflito, mas jamais visto com tal dinâmica na sua sala de estar. Assim, a imprensa toma um novo aporte de influência

---

<sup>4</sup> KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luis Estevam; MORAIS, Marcus Vinicius de. História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007. P 241.

<sup>5</sup> *Idem*. P. 250.

no conflito do Vietnã fazendo até mesmo que o governo não conseguisse mais controlar a imagem do conflito, o que faz questionar as versões oficiais da ofensiva na Ásia.<sup>6</sup> Dentro dessas relações da comunicação na história o emblemático ano de 1968 e os protestos ao redor do mundo, diria Mark Kurlanski, sofreram também influências da emergente TV via satélite do período. Nesse momento histórico: *“a televisão amadurecia mas ainda era suficientemente nova para não ter sido ainda controlada, embalada do jeito como é hoje...”*<sup>7</sup> Esses jovens de 1968 além da busca por direitos civis, igualdades raciais, direitos das mulheres, entre outros, estavam unidos, e detinham uma identificação supranacional a partir da questão da Guerra do Vietnã, como também se identificavam por meio de uma mídia, pelo próprio meio de comunicação, a televisão. Vale salientar também Peter Burke e Asa Briggs, ao dissertarem sobre o mesmo contexto de levantes sociais dos fins da década de 1960: *“Era a televisão, perguntavam os críticos, que os estaria agitando e fazendo com que se comportassem de um modo que não adotariam caso não houvesse a “tela pequena e o mundo grande”?”*<sup>8</sup>, chega ao ponto do presidente americano Richard Nixon usar a seguinte frase: *“a imprensa é o inimigo”*<sup>9</sup> Este período específico se torna importante para o estudo em questão devido à relação da mídia com os eventos globais de 1968. Como visto, ocorria uma rede de informações via satélite na televisão que proporcionava identificações globais e influenciava em fatos ao redor do mundo que acabaram por se tornar históricos. Portanto, acrescentando ao clássico exemplo do Vietnã, casos como o assassinato do presidente Kennedy, o Watergate e a renúncia do presidente Nixon, a guerra das ilhas Falklands, a queda do Muro de Berlim, o colapso da União Soviética, a desintegração da Iugoslávia ou a derrubada de Milosevic, entre outros inúmeros eventos, são exemplos de que para o bem ou para o mal a mídia influenciou e desempenhou papel importante, mesmo que em certos momentos de forma discutível na interpretação de eventos ou até mesmo os fabricando.<sup>10</sup>

Dentro desta perspectiva, ocorrera o desenvolvimento entre 1968-1969 de outro meio de comunicação que transformaria futuramente as relações na sociedade, a Internet, pela iniciativa ARPA (Administração dos Projetos de Pesquisa Avançada do

---

<sup>6</sup> KURLANSKY, Mark. 1968: o ano que abalou o mundo. Tradução de Sônia Coutinho. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. P. 80 – 84.

<sup>7</sup> *Idem*, 2005. p. 14.

<sup>8</sup> BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Op. cit.* p. 254

<sup>9</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 316.

Departamento de Defesa dos Estados Unidos), mesmo que limitada em seu início devido a se concentrar na troca de informações entre universidades e instituições de pesquisa. Mas a revolução da informação se deu na invenção de um meio para acessar o ciberespaço chamado de internet, a Web, assim nasceu em 1989 da *World Wide Web* (Web) por Tim Berners-Lee.<sup>11</sup> Peter Burke e Asa Briggs resumiriam tal feito da seguinte forma:

A revista Time, que o saudou como o único pai da Web, chamou suas realizações de “quase gutenberguianas”. Berners-Lee tinha tomado “um sistema de comunicações poderoso, que somente a elite poderia usar, e transformara-o em meio de comunicação de massa.”<sup>12</sup>

Nessa síntese temos um dos fatores mais importantes que a Web proporcionou, a ampliação do acesso e seu uso. Seguindo: “*A maioria dos primeiros provedores de software considerava que a Internet liberava e dava poder aos indivíduos, oferecendo vantagens sem precedentes à sociedade.*”<sup>13</sup>. Dessa forma, tal feito proporcionaria uma maior liberdade do indivíduo assim como da população em geral, devido principalmente ao fato que o seu crescimento se daria de baixo e sem gerenciamento do governo. Nesse sentido a formação do ciberespaço deu oportunidade para a formação da cibercultura, conceitos que serão trabalhados mais a frente, mas que Peter Burke e Asa Briggs destacam como campos de pesquisa de suma importância para historiadores e para geógrafos, pois estudam tanto o espaço quanto as culturas e sociabilidades que foram se desenvolvendo ao longo do tempo nessa mídia.

Para finalizar essa reflexão e recapitulação histórica sobre a importância da relação entre história e comunicação, assim como continuar a dar base para os estudos sobre a mídia que temos foco nessa pesquisa, busquemos de forma breve perceber como a internet passou a funcionar na década de 2000. A partir da primeira metade desta década ocorreria o que posteriormente passou a ser conceituado como Web 2.0, onde a mentalidade, ou modo de produção desses sites se transforma e passa a valorizar a interação. Como diria Aline de Campos:

A mudança de paradigma de recepção e utilização de processos e conteúdos informacionais no espaço virtual para uma posição de

---

<sup>11</sup> *Idem*, p.310-312.

<sup>12</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>13</sup> *Idem*, p. 313.

criação e colaboração na construção coletiva desses conteúdos apresenta-se como um dos principais aspectos da chamada Web 2.0.<sup>14</sup>

Destarte, essa transformação tem impacto nas formas de sociabilidade na Web, assim como dá perspectivas para novas formas de ativismo na rede, o que por sua vez reflete na sociedade como um todo. Em 2004 a rede social Facebook foi criada, em 2006 o microblog Twitter e o Wikileaks, em 2005 o Youtube, assim como inúmeros outros blogs e sites. Tais sites interativos vão se demonstrar ao longo dessa década como de grande importância para a história, pois acabaram por influenciar não somente a forma de interação em rede, o que já é algo de grandes proporções e deve ter seu estudo específico, mas também tiveram impacto fora da rede de computadores ao influenciar eventos históricos como os protestos no Egito, Turquia, Brasil, entre outros, os quais veremos com detalhes a seguir.

## **1.2 PROTESTOS AO REDOR DO MUNDO**

Houve algo dionisíaco nos acontecimentos de 2011: uma onda de catarse política protagonizada especialmente pela nova geração, que sentiu esse processo como um despertar coletivo propagado não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma difusão nova, nas redes sociais da internet, em particular o Twitter, tomando uma forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico com mensagens replicadas a milhares de outros emissores.<sup>15</sup>

A partir do ano de 2010 movimentos de protestos de amplitude global começaram a se proliferar em inúmeros países, não somente em países com governos ditatoriais, mas como também em países com democracias consolidadas como os EUA, Espanha, Inglaterra, entre outros. Várias explicações tomaram forma para os levantes, protestos e ativismo que facilmente foram comparados com o emblemático ano de 1968. Particularmente no norte da África e Oriente Médio foram chamados de Primavera Árabe ao relembrar a Primavera de Praga ou a Primavera dos Povos de 1848. De fato, eram contestações com um desenho de massa que ocorreram de forma sequencial, país

---

<sup>14</sup> PRIMO, Alex. Interações em rede. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 163.

<sup>15</sup> HARVEY, David. Occupy. Movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 9.

por país, cidade por cidade, até o ponto de ocorrer protestos de solidariedade de povos de um país para com o outro.<sup>16</sup>

Para alguns autores como Emir Sader e Henrique Soares Carneiro, estes protestos e descontentamentos tiveram uma de suas origens nos fatídicos anos da crise global de 2007-2008 e as políticas neoliberais, iniciada nos Estados Unidos, em que em um primeiro plano afetou os países mais ricos, mas que por consequência teve seus abalos em países mais pobres. Com a Europa em recessão, suas políticas de bem-estar-social, devido ao interesse em estabilidade monetária em detrimento da segurança nos índices de emprego e conquistas sociais, foram se exaurindo ao ponto de organizações como FMI e o Banco Central Europeu começarem a ditar as regras internas de países como a Grécia.<sup>17</sup> Os indignados na Espanha, os “ocupas” no Wall Street, em Portugal com a Geração à Rasca, na Grécia com a ocupação da praça Syntagma, os grandes protestos no Chile por uma educação gratuita, as revoltas da praça Tahrir no Egito, os quais chegaram ao ponto do governo Chinês censurar a simples menção na internet à praça.<sup>18</sup> O palco desses protestos passaram tanto por todo o norte da África, Oriente Médio, Europa, América do Norte e Sul, como até no disciplinado Japão.

No que condiz com o Oriente Médio, Luiz Alberto Moniz Bandeira dissertou que primeiramente a política dos EUA depois dos atentados de 11 de setembro para a região acabou consequentemente fortalecendo grupos extremistas como a Al Qaeda, o que acabou deixando os governos da região paulatinamente mais fracos ou suscetíveis a golpes, e que a estagnação econômica, social e política, juntando com a crise mundial de 2007-2008, sequencialmente ajudaram a formar um contorno para estes levantes e, até mesmo guerras civis como no caso da Líbia e Síria. O autor exemplifica inclusive usando documentos vazados pela organização Wikileaks, o qual um deles demonstra um telegrama secreto do Departamento de Estado, datado de 30 de dezembro de 2009 em que Hilary Clinton reconhece que países como Arábia Saudita estavam patrocinando grupos extremistas como a Al Qaeda.<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> GELVIN, L. James. *The Arab Uprisings . What everyone needs to know*. New York: Oxford University Press. 2012. p. 32.

<sup>17</sup> HARVEY, David. *Op. cit.* p. 84 - 85.

<sup>18</sup> *Idem.* p. 8

<sup>19</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A segunda guerra fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – Das rebeliões da Eurásia à Africa do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 234 – 235.

Dentro desse contexto, ocorre em 17 de dezembro de 2010 o incidente que posteriormente vira símbolo dos protestos na Tunísia. O jovem Mohamed Bouazizi de 26 anos, vendedor de frutas, por não ter licença para exercer a venda tem seus produtos confiscados e, ao não pagar a propina aos policiais, sem dinheiro para sustentar a sua família, e em forma desespero, acaba ateando fogo em si mesmo. Esse evento catalisou grandes manifestações e protestos que se espalharam por todo o país e que provocaram a queda do presidente Zinem El-Albidine Ben Ali, que estava no poder desde 1987. Devemos levar em consideração que o governo era aliado dos EUA, o qual cerceava liberdades individuais e políticas, assim como tinha uma política neoliberal de privatizações coordenadas por grupos como o Banco Mundial, FMI (Fundo Monetário Internacional) e uma corrupção generalizada do governo ao intermediar essa abertura de mercado. Numa população de cerca de 10 milhões, onde ocorria uma ordem de 15% a 20% de desemprego e a elevação dos preços dos alimentos decorrentes da eliminação dos subsídios, levou a ditadura de Ben Ali à impopularidade.<sup>20</sup>

A Tunísia se transformou no símbolo catalisador de outros movimentos no Oriente Médio e norte da África, em especial o Egito. O Egito figurava também numa situação de governo ditatorial, cerceador de direitos civis, políticos e aliado dos EUA pela figura do presidente Hosni Mubarak (1981 – 2011). A crise de liquidez de 2010 causada pela queda do turismo, por consequência com enormes prejuízos no comércio, a diminuição dos dividendos provindos com o Canal de Suez devido a pirataria no Mar Vermelho, assim como remessas de Egípcios no exterior caindo em acordo com a crise mundial, como também as políticas neoliberais implementadas pelo governo de Mubarak, conceberam uma conjuntura no aumento da desigualdade e uma fragilidade na sustentabilidade do regime.<sup>21</sup> Regime o qual apresentava uma queda na taxa de crescimento econômico para 2% em 2008, oportunidades de trabalho caindo e não acompanhando o ritmo do crescimento da população sobretudo jovem, onde entre 20% e 25% da população viviam abaixo do nível de pobreza e o desemprego rodeava os 10%.<sup>22</sup> É nesse cenário que, juntando com a repressão governamental, um descontentamento generalizado, bem como um desgosto pelo ocidente representado pelos governos pró EUA como Mubarak, e o sucesso dos protestos na Tunísia, proporcionaram, logo onze dias depois da queda de Ben Ali, levantes de grandes

---

<sup>20</sup> *Idem*, p. 235 – 238.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 239

<sup>22</sup> *Idem*, *Ibidem*.

proporções na Praça Tarhir no Cairo, Alexandria, Ismailiya e Suez. Esses descontentes, em geral jovens manifestantes se organizaram de várias formas, uma das mais usadas foram as novas mídias encabeçadas pelo Facebook e Twitter. Vale destacar:

Cerca de 90.000 ativistas egípcios haviam se mobilizado, através do Facebook e Twitter, para o Dia de Fúria, o levante contra o governo autocrático de Hosni Mubarak, a corrupção, a repressão, a pobreza, o desemprego, e as condições sociais existentes no Egito.<sup>23</sup>

É nesse momento que uma das formas de organização desses protestos de grandes proporções permite e dá oportunidade para o historiador esmiuçar a perspectiva dos ativistas nesse fato histórico e enriquecer o conhecimento sobre o evento. Segundo James L. Gelvin, e concordando com Bandeira, existiam vários grupos que conclamavam os protestos, entre eles a Irmandade Muçulmana, grupo político, mas também páginas no Facebook como a estudada aqui, *We are all Khaled Said*.<sup>24</sup> Na Tunísia como no Egito, os vídeos gravados de celulares, mensagens de texto, organização de eventos de protestos, fotos, enfim, diversas informações que foram compartilhadas no Facebook, ou a partir dos 140 caracteres replicados no Twitter, davam vazão para uma população se auto informar sobre os levantes, o que fazia com que não dependessem exclusivamente da perspectiva da mídia tradicional alinhada ao governo ditatorial.

Não podemos esquecer-nos dos protestos vistos no Brasil, o que posteriormente já até recebera a alcunha de “Jornadas de Junho”, onde só no dia 17 desse mês de 2013 em São Paulo cerca de 250 mil pessoas saíram às ruas em protesto.<sup>25</sup> O uso do Youtube, do Facebook, do Twitter entre outras mídias tiveram substancial relevância nesses fatos.

What’s happened in cities across Brazil show strong parallels to the Spanish Indignados, the Occupy Wall Street movement, the various Arab Spring uprisings: protests across our country have some of the same spirit as the world saw displayed in Egypt’s Tahrir Square<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> *Idem*, p. 242.

<sup>24</sup> GELVIN, L. James. *Op. cit.* p. 42 – 44.

<sup>25</sup> MARICATO, Ermínia et al. Cidade rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 71.

<sup>26</sup> MENDONÇA, Carla. “Sorry for disturbing: we’re trying to change Brasil”: Brazilian Youth, Civic Media and the Protests. Disponível em: <http://henryjenkins.org/2013/07/sorry-for-disturbing-were-trying-to-change-brazil-brazilian-youth-civic-media-and-the-protests.html> Acesso em: 10/09/2013.

Essa reflexão que Carla Mendonça descreve nesse artigo publicado no blog de Henry Jenkins, vai de encontro ao que foi exposto no início desse texto, o qual demonstrou um contexto sobre os protestos ao redor do mundo. Nesse momento apenas acrescentando o caso da Turquia e do Brasil. O caso brasileiro teve como fagulha o complexo problema do transporte público no Brasil, este em que jovens do Movimento Passe Livre (MPL) buscavam por maiores direitos de ir e vir na cidade a partir dos protestos organizados sobretudo na rede de computadores, sobretudo questionando o preço abusivo das passagens de ônibus. Porém, os movimentos tomaram a amplitude de mais de um milhão de manifestantes em todo o Brasil<sup>27</sup>, principalmente após a repressão da polícia que fora filmada e compartilhada em mídias sociais. Passou a reivindicar questões como o caso da saúde pública ou da educação pública altamente precária, como também temas relacionados à corrupção, o que por fim devido à magnitude dos eventos acabou se tornando difuso, fator que trouxe a reflexão sobre a crise de representatividade destes jovens brasileiros.<sup>28</sup> O caso Turco recai sobre a questão da privatização do espaço público, muito bem trabalhado pelo geógrafo David Harvey. Na Turquia os protestos tomaram intensidade após o governo pronunciar planos de transformar o Parque Gezi, em Istambul, num complexo comercial.<sup>29</sup> A questão maior, como visto até aqui, recai sobre um contexto global sobre protestos que em momentos são explicados a partir da crise econômica, neoliberalismo e corre em sentido das peculiaridades de cada lugar e, em momentos levam em consideração o papel da informação aberta na internet e suas devidas relações com governos, instituições privadas e velha mídia.

Um das maiores dificuldades de George Rudé enfrentou, ao escrever “A Multidão na História” (1964), foi com relação às fontes primárias que trariam empecilhos para analisar a perspectiva dos manifestantes do período de seu estudo (1730-1840). Pois eram fontes que representavam o ponto de vista do governo, da oposição política oficial, da aristocracia ou da classe média mais próspera.<sup>30</sup> Para finalizar esta reflexão, com essa pequena contextualização sobre a amplitude dos

---

<sup>27</sup>Zerohora. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/06/mais-de-um-milhao-de-pessoas-vaao-as-ruas-do-pais-para-protestar-4176705.html> Acesso em: 27/11/13.

<sup>28</sup>MARICATO, Ermínia et al. *Op. cit.* p. 10-12.

<sup>29</sup>BBC. O parque que é pivô dos protestos na Turquia. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130606\\_turquia\\_importancia\\_gezi\\_taksim\\_fn.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130606_turquia_importancia_gezi_taksim_fn.shtml). Acesso em: 08/11/2013.

<sup>30</sup>RUDÉ, George. A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730 – 1848. Rio de Janeiro: Campus, 1991. P. 10.



eventos de ativismo e protestos entre 2010 e 2013, devemos perceber que boa parte desses eventos podem ser vistos a partir de fontes que foram produzidas pelos manifestantes. Ou seja, devemos considerar a riqueza de informações que foram produzidas, por exemplo, por câmeras de manifestantes, postadas no youtube, compartilhadas no Facebook, gerando interações e conversas, debates, que acabam sendo publicados no Twitter, e assim por diante nos vastos rastros deixados pelos ativistas. Assim, dando oportunidade para a análise de fontes com ricas informações sobre os protestos que rodearam o mundo, para que o historiador garimpe e desenvolva uma perspectiva não tão usual dos eventos, mas importante, o testemunho de quem estava nas ruas.

### 1.3 WIKILEAKS

A luta do Wikileaks é uma luta de muitas facetas. Em meu trabalho como jornalista, lutei contra guerras e para forçar os grupos poderosos a prestarem contas ao povo. Em muitas ocasiões, manifestei-me contra a tirania do imperialismo, que hoje sobrevive no domínio econômico-militar da superpotência global.<sup>31</sup>

É com esse espírito que Julian Assange, um dos fundadores do Wikileaks, descreve os interesses que permeiam a organização de cunho ativista fundada oficialmente em 2007<sup>32</sup>. Inspirado por casos como o do Vietnã, como os Documentos do Pentágono em 1971 de Daniel Ellsberg, Assange e sua equipe, inicialmente anônima, desenvolveram um site em que o objetivo central era vaziar documentos secretos tanto de grandes corporações como de governos.<sup>33</sup> Daí a sua definição, juntando Wiki, que tem como base a cooperação digital lembrando a Wikipedia, e Leak, termo inglês o qual designa vazamento.<sup>34</sup>

A organização tem como bases características a busca de informações com interações geopolíticas, a influência do ambiente hacker, que tem como filosofia nesse

---

<sup>31</sup> ASSANGE, Julian et al. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. São Paulo: Boitempo, 2013. P. 19.

<sup>32</sup> O domínio Wikileaks foi registrado em 4 de outubro de 2006.

<sup>33</sup> VALERIE, Guichaoua. *Julian Assange, o guerreiro da verdade: Wikileaks, a biografia do criador*. São Paulo: Prumo, 2011. 73 – 77.

<sup>34</sup> DA CRUZ, Carole Ferreira. *Wikileaks, Ciberativismo e a guerra pela liberdade de informação*. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/24381>. Acesso em 08/11/2013.

caso a busca da informação e compartilhamento gratuito onde o controle da propriedade é algo negativo. Também tem como princípios fundadores o enciclopedismo (conhecimento oferecido a todos), a neutralidade de ponto de vista (a informação mais pura é mantida), a liberdade de conteúdo (o conteúdo pode ser reutilizado), o bom relacionamento comunitário (a ética é assegurada pelos membros) e a flexibilidade de regras (os erros são autorregulados pela comunidade). Busca também o uso da publicidade e apoio de pessoas conhecidas para dar credibilidade a instituição.<sup>35</sup>

O Wikileaks combina alta tecnologia ao criptografar documentos e assegurar anonimato para seus parceiros, com o jornalismo investigativo quem tem como base informações confidenciais vazadas por terceiros. Estas fontes são altamente protegidas por uma complexa tecnologia desenvolvida pelos integrantes do grupo. Além disso, a organização analisa os materiais que recebem, verificam a sua credibilidade ou fidelidade e escrevem artigos descrevendo a sua importância para a sociedade. Assim, o Wikileaks além de publicar artigos contextualizando o material vazado, também deixa disponível o acesso ao todo material original, a fim de dar a oportunidade para que qualquer pessoa o analise por si mesmo.<sup>36</sup>

A verificação destes documentos tem algo grau de cuidado antes de sua publicação oficial. Por exemplo, no caso do *Collateral Murder*, a organização Wikileaks enviou uma equipe para o Iraque para analisar a sua veracidade. Obtiveram informações com o proprietário do prédio que foi atacado, o qual comentou que perdera a sua esposa e filha, as crianças que também foram vítimas e estavam a caminho da escola no dia do ataque americano, assim como arquivos de hospitais e etc.<sup>37</sup> A autenticidade se confirmou após o vazamento, pois o governo americano se pronunciou e mais tarde acabou descobrindo a fonte do material, Bradley Manning, que foi processado pelo Estado americano.

Fato é que em 2010 o site Wikileaks teve repercussão mundial ao publicar milhares de documentos vazados pelo soldado Bradley Manning, que servia no Iraque. No primeiro vazamento, em abril, o documento se tratava deste vídeo, *Collateral Murder*, feito a partir de um helicóptero militar Apache americano atacando civis desarmados, entre eles jornalistas. Meses depois também publicara 75 mil diários

---

<sup>35</sup> VALERIE, Guichaoua. *Op. cit.* P. 83.

<sup>36</sup> Disponível em: <http://wikileaks.org/About> Acesso em: 06/11/2013

<sup>37</sup> VALERIE, Guichaoua. *Op. cit.* P. 125

militares que comprovavam inúmeros assassinatos pelas forças dos EUA. Mais tarde o denominado projeto “Cablegate”, em alusão ao caso Watergate, vazou cerca de 251 mil documentos diplomáticos em que demonstravam como funcionavam as relações entre países. O Wikileaks também desenvolvera parceria com as chamadas mídias tradicionais, como o *The Guardian*, *The New York Times*, *Le Monde*, *El País* e *Der Spiegel*, que ajudavam a divulgar o material descoberto pela organização como também a aumentar o apelo público para com os eventos vazados. Dentre estes arquivos do “Cablegate” existem relatos da embaixada norte-americana na Tunísia, que demonstravam detalhes sobre a corrupção de Ben Ali, o que influenciou na criação do Tunileaks, assim como também incentivou os protestos vistos anteriormente no país árabe.<sup>38</sup>

De forma breve procuramos aqui apenas salientar o desenvolvimento e forma como o Wikileaks trabalha, funciona, e que tipo de arquivos que detém em seu poder e divulga. Essa reflexão aqui exposta servirá de base para logo adiante ao analisarmos mais detalhadamente o impacto do vídeo *Collateral Murder* na mídia, como também ao extrairmos informações desta fonte primária descoberta e publicada pela organização.

## 1.4 FACEBOOK

Logo no início desse capítulo constatamos e refletimos sobre o desenvolvimento da internet, até chegarmos à definição de Web 2.0. Lembrando-se dessa contextualização feita sobre a mudança na construção dos sites que permitiram uma interação mais robusta, devemos incluir o site de rede social Facebook. Para isto, basicamente veremos a definição de rede social e um pouco sobre a origem do Facebook.

Para Raquel Recuero, em sua obra intitulada “Redes Sociais na Internet”, as redes sociais tem um aporte destes sites oriundos da Web 2.0. Estes sites são sistemas que dão possibilidade de uma construção de um perfil público ou uma página social, uma interação com comentários e exposição pública da rede. Tais páginas na internet apresentam então uma rede social que tem como objetivo a exposição de redes que são conectadas por atores, que podem ser perfis de pessoas. O Facebook, ou o LinkedIn, são

---

<sup>38</sup> ASSANGE, Julian et al. *Op. cit.* P. 11.

exemplos de sites que buscam ampliar e aumentar a propagação, ou nas palavras de Recuero, uma “publicização” das conexões com os indivíduos.<sup>39</sup> Portanto, páginas como o Facebook foram criadas para que as próprias pessoas desenvolvessem redes sociais interligadas.

Fundado em 4 de fevereiro de 2004, inicialmente com o nome *thefacebook*, foi desenvolvido pelo americano Mark Zuckerberg enquanto aluno de Harvard. Tinha como público inicial alunos que saíam do secundário ou o High School e estavam entrando na universidade. Pois, é nesse período que ocorre muitas modificações nas sociabilidades destes jovens, como, por exemplo, a mudança para outras cidades para cursar a faculdade. Neste momento os alunos buscavam novas amizades, novas relações sociais, etc.. Dessa forma, era um sistema focado em instituições estudantis, e para fazer parte da rede social a pessoa devia também fazer parte destas instituições, primeiramente alunos de Harvard e posteriormente alunos do Highschool. Somente em 2006 o Facebook passa a ser aberto para todo mundo.<sup>40</sup>

O Funcionamento do Facebook se dá através de perfis e comunidades. Cada perfil tendo uma *timeline*, em que, de acordo com o tempo, o usuário vai publicando ou compartilhando informações de diversas formas, como vídeos, músicas, fotos, eventos a que compareceu ou organizou, textos, entre outros. Outro fator importante é que o sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros.<sup>41</sup> A amplitude do site começa a ter proporções globais depois de ser aberto ao público geral em 2006. Dados da própria empresa demonstram que somente no mês de setembro de 2013 1,19 bilhão de usuários estavam conectados. Também, que 80% destes usuários estão fora do Canadá e dos Estados Unidos.<sup>42</sup> Somente no Brasil, dados de novembro de 2012, demonstram que o Facebook continha 63 milhões de usuários ativos.<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup> RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. P. 102 - 104

<sup>40</sup> *Idem*, p. 171.

<sup>41</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>42</sup> Disponível em: <http://newsroom.fb.com/Key-Facts>. Acesso em: 08/11/2013.

<sup>43</sup> BBC. “Próximo bilhão de usuários virá do celular” diz executivo do Facebook no Brasil. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1190864-proximo-bilhao-de-usuarios-vira-do-celular-diz-executivo-do-facebook-no-brasil.shtml>. Acesso em: 09/11/2013.

## 2. RELAÇÕES TEÓRICAS

Neste capítulo estudaremos as relações teóricas entre a História do Tempo Presente, História Cultural e a Cibercultura com a história no ciberespaço. Buscará refletir e criar argumentos teóricos que embasariam a relevância, a importância e a viabilidade dos estudos de fontes históricas que se encontram no ciberespaço.

### 2.1 HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Um vibrato do inacabado que anima todo um passado, um presente aliviado de seu autismo, uma inteligibilidade perseguida fora de alamedas percorridas, é um pouco isto, a história do presente <sup>44</sup>.

É assim que Jean-Pierre Rioux sintetiza o campo da história do presente, esta qual, segundo Agnès Chauveau e Philippe Tétart, teriam raízes na década de 1950, momento este que a sociedade demandava esclarecimentos sobre os acontecimentos recentes do período, assim como vivia uma aceleração da comunicação, o qual também influencia no período do atual trabalho.<sup>45</sup> Vale destacar as coleções sobre o tema: “*L’Histoire immédiate*”, “*L’Univers historique*”, assim como das revistas *Vingtième Siècle*, *Les Cahiers de l’IHTP* e *L’Histoire*.<sup>46</sup> Acrescentando, e de suma importância, a criação na década de 1970 na França do laboratório *Institut d’Histoire Du Temps Present*, que tinha como objetivo a reflexão sobre a noção do conceito fazendo pesquisas que resumiam o movimento.<sup>47</sup>

É a partir do fim do século XX que até os estudos históricos do ensino básico, ou terceiro colegial, tem como conteúdos temas dos dias atuais. Fácil notar essa transformação nos inúmeros materiais didáticos de história no país. Para Jean-Pierre Rioux, essa transformação se deve a uma mundialização cada vez maior, a um imediatismo de informação, o desejo de conhecimento instantâneo, uma inquietação do indivíduo, uma reação de defesa com o futuro, uma sede de identidade coletiva ou

---

<sup>44</sup> CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 50.

<sup>45</sup> *Idem*, p 16- 17.

<sup>46</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>47</sup> *Idem*, p. 39.

nacional.<sup>48</sup> É nesse sentido que o tema dessa pesquisa é relevante. Num momento em que o imediatismo, sobretudo na ascensão e consolidação dos meios de comunicação a partir do ciberespaço, parece ser a definição do período, nada mais natural que uma pesquisa sobre um tema recente. A Primavera Árabe, os protestos ao redor do mundo, em especial Brasil e Turquia, assim como as novas formas de obtenção de fontes como no caso do Wikileaks ou a Web de uma forma geral, se enquadram num panorama maior que é o estudo da história do tempo presente.

Uma das maiores críticas a estes estudos se dá em relação ao recorte temporal recorrente, pois ao se pesquisar algo recente o historiador não teria um distanciamento suficiente. Jean-Pierre Rioux dirá:

O argumento “da falta de recuo” não se sustenta, dizem eles, pois é o próprio historiador, desempenhando a sua caixa de instrumentos e experimentando suas hipóteses de trabalho, que cria sempre, em todos os lugares e por todo o tempo, o famoso “recuo”.<sup>49</sup>

Ou seja, o recorte temporal não dirá a medida deste recuo em relação ao seu objeto de pesquisa, sim dirá as formas de experimentação em suas hipóteses de trabalho. Le Goff irá discorrer sobre a história imediata ao acentuar a vantagem que o historiador do recente tem ao ser privado do conhecimento dos acontecimentos posterior ao seu objeto, ao contrário do estudioso de períodos mais longínquos, estes quais sofreriam influência do saber do ocorrido posteriormente.<sup>50</sup> Portanto, as dificuldades que o historiador do tempo presente tem ao analisar fontes como as dos movimentos sociais ao redor do mundo, ou do Wikileaks, se dá a partir da crítica ao recorte temporal. O que vimos com Le Goff é que estes estudos também têm as suas vantagens, pois ao estudarmos algo do tempo recente estamos a não saber o que se sucederia após o evento, e isto traz um distanciamento intrínseco. A argumentação de Rioux vai ainda além, uma vez que o fator que desenvolve esse recuo, ou distanciamento do objeto a ser pesquisado, não se dá literalmente no recorte temporal, mas sim nas formas de experimentação e métodos que o historiador irá usar.

Afinal, a quem a sociedade civil recorrerá para buscar explicações ou reflexões sobre momentos de tensões sociais, como no Egito, Brasil ou Turquia, provavelmente a

---

<sup>48</sup> *Idem*, p. 44.

<sup>49</sup> *Idem*, p. 46 – 47.

<sup>50</sup> *Idem*, p 100 – 101.

pesquisadores das ditas ciências humanas, entre elas a história. É nesse momento que as palavras de Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho são relevantes neste trabalho: “Entendo que, de maneira semelhante, através da mirada para o tempo passado, este esquadrinhador do recente pode objetivar o entendimento da sua própria realidade e entorno.”<sup>51</sup>. Sem cairmos na armadilha bem destacada por Rioux ao relacionar a proximidade com a inteligibilidade, mesmo assim, devemos levar em conta as possibilidades deste ensaio de nós mesmos que Filho traz em sua reflexão. Pois, ao analisarmos tempos recentes estamos buscando um entendimento da própria sociedade em qual o historiador vive, não de forma totalizante, mesmo que deslumbres, mas igualmente não deixando de ter a sua parcela de contribuição no ofício de entendimento do homem no tempo.

Outra crítica comum sobre estes estudos está no campo da matéria prima do historiador, as fontes históricas. Poderíamos pensar no exemplo das fontes orais que Robert Frank usa em seu texto “Questões para as fontes do presente”. Para ele, as fontes orais, os atores vivos que testemunharam um evento específico, ao sofrerem praticamente um inquérito policial ao responderem perguntas ou questionamentos do historiador, estão sendo fontes do tempo presente. Mais do que isso, estão sendo moldadas, em muitas vezes sem intenção, no próprio tempo em que estão sendo entrevistadas. Ou seja, são fontes que estão cedendo a uma transformação simultaneamente à sua análise.<sup>52</sup>. Obviamente que ocorrerão técnicas ou métodos para compensar as perdas e falhas desta análise, mas a questão aqui é que esta reflexão também cabe às fontes escritas. Robert Frank deixa claro: “A escritura não é livre e não há pureza específica da fonte escrita”<sup>53</sup>. Exemplifica, do mesmo modo que a fonte oral não é pura ao ser entrevistada, a fonte de um prefeito ao escrever o seu relatório sofre interferências de relatórios que recebera, e dos laços de dependência das pessoas em que convive, etc.. Além disso, enquanto uma fonte escrita dará vazão para informações vindas da elite, como um relatório de um major numa guerra, por exemplo, as fontes orais podem trazer informações que geralmente são esquecidas na história. Podemos pensar no caso que Hebe Matos e Ana Lugão Rios trouxeram ao escrever “Memórias do

---

<sup>51</sup> FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão. Para uma História do Tempo Presente: o ensaio de nós mesmos. Disponível em: [http://www.anpuh-sc.org.br/revfront\\_17%20pdfs/art7\\_format\\_paraumahtp\\_eduardo.pdf](http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_17%20pdfs/art7_format_paraumahtp_eduardo.pdf) Acesso em: 10/11/2013.

<sup>52</sup> CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. *Op. Cit.*. p. 106-107.

<sup>53</sup> *Idem, ibidem.*

Cativeiro”<sup>54</sup>. Nessa obra as autoras buscam de fontes orais para descrever a memória coletiva de camponeses negros, ditos descendentes diretos dos últimos cativos. Sabemos da falta de documentação ou fontes para analisarmos a voz desses personagens, para isto a fonte oral preencheria as lacunas que eram insuficientemente documentadas pelas fontes escritas. Nessa linha de raciocínio, como vimos anteriormente, é que as fontes que serão trabalhadas adiante se enquadram. Como vimos, Rudé sentiu dificuldades ao buscar a perspectiva dos manifestantes, devido à pouca existência de fontes sobre esses grupos, feitas por estes grupos. Nos eventos ocorridos entre 2010 e 2013, nos levantes populares no Egito ou no Brasil, se usássemos todo o foco de uma pesquisa em fontes tradicionais, provavelmente descreveríamos a perspectiva dos governos, da polícia ou de uma elite dominante. Pois, seriam fontes como os documentos de prisão de manifestantes, notas governamentais ou pronunciamentos na televisão de presidentes, crônicas de jornais, ou até mesmo reportagens que representariam os interesses dos grandes conglomerados midiáticos, na melhor das hipóteses os dados de números de mortos em uma insurreição. O argumento não exclui que tais análises sejam feitas, seriam até benéficas ao cruzarmos com informações de outras fontes não tradicionais, apenas traz à luz a oportunidade de estudarmos a perspectiva dos manifestantes a partir de fontes recentes no ciberespaço.

Os questionamentos sobre estes tipos de fontes primárias são evidentemente normais, pois uma nova forma de fonte exige novas formas de abordagem, ou pelo menos momentos de reflexão sobre como proceder. Como organizar, analisar ou absorver a grande quantidade de fontes que são postas na Web pelo Wikileaks, por exemplo. Vale destacar o pensamento de Maynard: *“Nos parece agora mais viável adotar uma espécie de “rigor flexível”, como proposto por Carlo Ginzburg.”*<sup>55</sup> Aquele caminho fixo de análise não é mais viável, neste momento a flexibilidade de Ginzburg talvez seja mais coerente. Afinal, ao sermos submersos por tamanho número de fontes que alguns momentos parecem demonstrar o todo, e em outros escapam de forma fluída, seria importante entendermos os detalhes reveladores, sinais e indícios para irmos além

---

<sup>54</sup> RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. Memórias do Cativeiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

<sup>55</sup> MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O Caso Wikileaks: desafios ao historiador do tempo presente. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300874322\\_ARQUIVO\\_ANPUH2011A.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300874322_ARQUIVO_ANPUH2011A.pdf) Acesso em: 20/11/2013.



dos dados, para alcançarmos os usos, as apropriações ou até mesmo as formas de consumo que estas fontes na Web podem revelar.<sup>56</sup>

## 2.2 HISTÓRIA CULTURAL

É particularmente nos 1970 que a História Cultural é redescoberta, linha historiográfica que realinharia uma postura do fazer-se história. Conceitos como representação, imaginário, narrativa, práticas, símbolo ou sensibilidades serão destacados. Principalmente a representação como o conceito que explanaria a perspectiva em que os homens dariam sentido à existência humana a partir da construção de representações, significados e práticas sobre o mundo. Bem lembrado por Peter Burke ao descrever as contribuições de Roger Chartier na Nova História Cultural, ou NHC, como a construção de classes sociais, tempo ou identidade, por meio das representações.<sup>57</sup> De forma mais didática, resumida, e de certa maneira passando por um espectro geral da História Cultural, vamos destacar três principais grupos de características que identificariam esse campo teórico. No artigo intitulado “Mídia, Religião e História Cultural”, escrito por Karina Kosicki Bellotti, temos uma síntese que contribui em muito neste trabalho:

1. A crítica a uma suposta agência humana responsável pela História – isto é, o questionamento da existência de um sujeito racional e consciente que tomaria a História pelas mãos. É a recusa do sujeito universal iluminista ("personagem" da História das ideias tradicional/História positivista); e das classes sociais como sujeito histórico transformador (História Social marxista/História Social da cultura);<sup>58</sup>

Dessa forma a narrativa na História Cultural ocorre em sentido de trabalhar com as experiências humanas no campo cultural, no lugar de trabalhar com conceitos de estruturas típicos do marxismo. Vale destacar o trabalho de Thompson ao escrever “A Formação da Classe Operária Inglesa”, por exemplo. Nessa pesquisa o autor, provindo da tradição marxista, passou a questionar essas formas estruturantes as quais

---

<sup>56</sup> *Idem.*

<sup>57</sup> BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro : Zahar, 2008. p. 99.

<sup>58</sup> BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia Religião e História Cultural. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2004/p\\_bellotti.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_bellotti.pdf). Acesso em: 18 de novembro de 2013.

enfaticavam as forças sócio-econômicas e passou a dar maior importância à formação cultural das atitudes e da consciência da classe trabalhadora.<sup>59</sup> Além disso, ao explorar as percepções culturais das classes mais baixas, sob influência de Georges Rudé e Charles Tilly, autores como Thompson buscaram entender aspectos culturais, rituais das ações das massas, os seus significados e motivações que legitimariam as suas ações coletivas.<sup>60</sup> A partir dessa motivação então corrigir a visão de que essas massas agiriam de forma irracional, as ditas “hordas ingovernáveis”. Esse aspecto, também em detrimento do Positivismo que teria os grandes personagens como transformadores da história, concordaria com uma perspectiva de análise dos manifestantes em um meio cibernético. Pois, ao analisarmos a página *We are all Khaled Said* no Facebook, por exemplo, estamos analisando práticas de interação, formas e percepções culturais de massas de manifestantes, os quais criaram uma nova cultura de protesto. No lugar de analisar as classes sociais, ou os “grandes personagens”, entender a forma como são construídas as categorias de identificações como a do manifestante online. Vejamos o segundo ponto de características da História Cultural:

2. O papel da linguagem – o reconhecimento de que os documentos históricos não são uma transparência de dados informativos sobre uma realidade concreta, mas sim textos a serem lidos – o que faz da História um discurso e, não, um relato de uma verdade histórica;<sup>61</sup>

Nesse ponto, tanto o ato de escrever uma narrativa histórica como o trabalho do historiador ao ler o documento deve ter uma atenção peculiar. Uma vez que as fontes são produzidas por homens em um dado tempo, a partir de um determinado lugar, o qual representa determinados interesses. É possível então, de acordo com as ideias de Foucault, compreendermos discursos nos diferentes períodos da história<sup>62</sup>. Para exemplificar tal fator, vale frisar o trabalho de Edward Said em sua obra intitulada “Orientalismo” (1978). Nesse livro, Said, analisava a forma em que os acadêmicos ocidentais e romancistas percebiam o Oriente Médio ao constatarem estereótipos como o atraso, degeneração, despotismo, entre outros. Tais perspectivas demonstravam, segundo Said, que a partir do século XVIII em diante o orientalismo estava relacionado

---

<sup>59</sup>HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p 66 - 67.

<sup>60</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>61</sup> Karina Kosicki Bellotti. *Op. Cit.*

<sup>62</sup> Peter Burke. *Op. Cit.* p 75.

com o colonialismo, pois era uma forma que o ocidente praticava a sua dominação para com o oriente.<sup>63</sup>

Portanto, apropriações, ou usos e criação de discursos podem ter uma maior profundidade na sua análise, assim demonstrando que tanto as fontes primárias como a própria narrativa não estão imunes e não representam a exatidão de um determinado período histórico, sim um discurso. Partindo desse pressuposto, e tendo em vista as fontes desse trabalho, devemos então levar em consideração os lugares de onde os ativistas desenvolvem o seu discurso, para quem, objetivos, formas e práticas em que as fontes são produzidas e replicadas. Assumindo assim, juntando a bibliografia aos estudos, que existem pontos de vista acerca dos eventos, no caso, o dos manifestantes. Com a ascensão do construtivismo e exatamente esse questionamento sobre a transparência das fontes, assim como da “história a partir de baixo”, esse tipo de postura então daria vazão para diferentes pontos de vista. Para Peter Burke: “...os historiadores tornaram-se cada vez mais conscientes de que pessoas diferentes podem ver o “mesmo” evento ou estrutura a partir de perspectivas muito diversas”<sup>64</sup>

Por último, mas não menos importante, veremos um terceiro elemento de características que contribuiriam para a nossa reflexão sobre a história cultural:

3. Recusa de categorias totalizantes e de grandes narrativas – em geral, os historiadores culturais não tomam como naturais categorias, como gênero, classe social, raça, etnicidade, identidade, experiência, e sim, buscam questionar como determinados grupos sociais constroem suas noções de gênero, classe social, raça; qual o sentido dessa construção, e quais as implicações que essas noções possuem para aqueles grupos.<sup>65</sup>

Classes sociais, gênero, etnicidade, identidade, etc., até então categorias sociais tratadas como sólidas e firmes, no contexto da história cultural terão uma relação mais fluída e flexível, pois são vistas a partir do conceito de construção. Como visto anteriormente, estas categorias são construídas ao longo do tempo e reconstruídas. Por exemplo, os historiadores que estudam a categoria “casta” na Índia não a consideram como algo determinado e sim como algo construído e ligado a um contexto histórico político do

---

<sup>63</sup> *Idem*, p 65.

<sup>64</sup> *Idem*, p. 101.

<sup>65</sup> Karina Kosicki Bellotti. *Op. Cit.*

imperialismo.<sup>66</sup> Também existe essa construção ao analisarmos a categoria de gênero, por exemplo, a masculinidade ou a feminilidade acabam por serem estudadas como papéis sociais, com planos distintos de acordo com as diferentes culturas, que podem ser modificadas por influências de grupos, instituições, escolas, cortes ou fábricas, etc..<sup>67</sup> Dessa forma, a contribuição da história cultural para as análises de fontes produzidas por ativistas no ciberespaço é de grande importância. Visto que a categoria “ativista” ou “manifestante” também pode ser vista por uma análise de construção cultural, histórica ou discursiva. Sobretudo, no caso do ciberespaço, pois neste recorte histórico do trabalho ocorre o desenvolvimento de novas práticas culturais de protesto, ativismo e reivindicações, que permitem a partir de uma linguagem (meio e forma na internet), a criação ou construção de experiências comuns. Adicionando ainda, a história cultural comportou também estudos sobre a construção de comunidades. Em 1983 Benedict Anderson publicou a obra “Comunidades Imaginadas”, em que englobava a história do nacionalismo moderno e teve uma abordagem cultural da política ao ponderar sobre a “cultura do nacionalismo” nas atitudes inconscientes no que tange a religião, tempo, etc., e ao perceber uma história da imaginação ao conceber até mesmo o termo “comunidades imaginadas”<sup>68</sup>. Ao analisarmos as fontes no ciberespaço também podemos absorver esse tipo de percepção, de acordo com a construção de identidades, comunidades, como as páginas na Web aqui dispostas, que centralizam informações, em certos momentos supranacionais, e que a partir da interação/experiência podem ser vistas como uma construção de uma comunidade de indivíduos no ciberespaço. Em certos momentos até mesmo o uso de práticas culturais podem ser interpretadas como um reforço para legitimar a identidade do ativista ao demonstrarem as diferenças entre o manifestante e o “inimigo”, governo ou o qual é criticado por esses manifestantes.

Para tal feito, passando por todas essas características gerais da história cultural que vimos, vale refletir, transpondo para o campo de interesse desse trabalho perguntas que a autora Karina Kosicki Belloti fez em seu artigo supracitado ao relacionar mídia, religião e história cultural.<sup>69</sup> Como que os manifestantes utilizam a Web para serem ouvidos e para conquistarem mais adeptos? Como que estes ativistas se percebem na mídia e como se relacionam? Quais seriam os usos e sentidos dos receptores desse

---

<sup>66</sup> Peter Burke. *Op. Cit.* p. 107.

<sup>67</sup> *Idem*, p. 108.

<sup>68</sup> *Idem*, p. 109-0 110.

<sup>69</sup> Karina Kosicki. *Op. Cit.*

trabalho midiático na Web? Enfim, estas como outras questões levantadas anteriormente são exemplos de perguntas que poderiam ser feitas para este estudo. A questão é que o aporte da história cultural traria sim contribuições muito relevantes para o estudo de fontes no ciberespaço, particularmente tendo o ativismo como campo empírico, algo que veremos no terceiro capítulo.

### 2.3 CIBERCULTURA E HISTÓRIA

A partir desse momento veremos as relações entre o conceito de cibercultura e ciberespaço com os estudos da história. No primeiro capítulo buscamos entender um contexto histórico que descrevia tanto o impacto da comunicação na história, como no caso do Vietnã, como as origens da Internet, da Web (World Wide Web), e por sua vez da Web 2.0 com seu foco na interação. Tendo isto como base podemos agora buscar compreender, a partir de autores como Pierre Lévy, Manuel Castells, Francisco Rüdiger, Alex Primo, entre outros textos, o conceito de cibercultura e ciberespaço e sua relação com a história.

Pierre Lévy, em sua obra intitulada “Cibercultura” (1999), definirá os termos cibercultura e ciberespaço da seguinte forma:

O ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo específica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.<sup>70</sup>

Ciberespaço é uma palavra inventada no ano de 1984 por William Gibson ao escrever o sua história de ficção científica chamada *Neuromancer*, designação que foi apropriada por criadores e seguidores das redes digitais.<sup>71</sup> Esse conceito descrito acima por Lévy teve origens a partir de um desejo social, “*a emergência do ciberespaço é fruto de um*

---

<sup>70</sup> LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 17.

<sup>71</sup> *Idem*, p. 94.

*verdadeiro movimento social*”<sup>72</sup>, este qual teve apoio em suas raízes também pelo movimento social californiano chamado Computers for the People. Como já vimos antes com Peter Burke e Asa Briggs em “Uma História Social da Mídia”, Lévy destaca que o crescimento desse ciberespaço se dá de baixo para cima e não ao contrário. Por exemplo, o crescimento exponencial de usuários da internet se dá nos fins da década de 1980, e somente depois, na década de 1990 é que grandes corporações, projetos industriais de “multimídia”, ou projetos governamentais começam a tomar forma, os quais demonstram na verdade uma tentativa de tomada do poder emergente nesse espaço.<sup>73</sup> Castells também destaca o interesse de governos e empresas nessa corrida tecnológica, particularmente na segunda metade da década de 1990, sobretudo nos EUA com o vice-presidente Albert Gore lançando o programa de Infra-estrutura Nacional de Informação<sup>74</sup>. Para Lévy: *“Aqueles que fizeram crescer o ciberespaço são em sua maioria anônimos, amadores dedicados a melhorar constantemente as ferramentas de software de comunicação, e não os grandes nomes, chefes de governo, dirigentes...”*<sup>75</sup> Dessa forma, a internet, o ciberespaço então são frutos de uma cooperação internacional de um movimento de conjuntura social que começou de baixo. Muito diferente de uma mídia como a televisão, o rádio, o jornal, etc., a internet representa uma prática de comunicação interativa, comunitária no qual qualquer ser humano pode participar e contribuir desde que conectado. Essa grande diferença na verdade é uma contribuição para o estudo do historiador, pois no lugar de termos uma mídia gerenciada, ou seja, tendo um núcleo organizacional onde se dispersaria seus programas e interesses, temos perspectivas, interações, sociabilidades, troca de experiências, formação de comunidades de ideias, das mais variadas origens, principalmente de pessoas comuns no cotidiano.

Esse ciberespaço, segundo Lévy, teria três princípios que ordenaram o seu crescimento inicial, a interconexão, a criação de comunidades virtuais e inteligência coletiva. A interconexão seria o princípio básico do ciberespaço, pois teria como objetivo ou expectativa um universo de conexões em que cada máquina, computador, ou até mesmo um carro, por exemplo, teriam um endereço de internet<sup>76</sup>. Essa passagem

---

<sup>72</sup> *Idem*, p. 125.

<sup>73</sup> *Idem*, p. 129.

<sup>74</sup> CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura – volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 450.

<sup>75</sup> LÉVY, Pierre. *Op. cit.* p. 128.

<sup>76</sup> *Idem*, p. 129

para um mundo conectado daria uma sensação de “espaço envolvente”, pois todo o espaço se tornaria um canal interativo<sup>77</sup>. O segundo elemento recai sobre a ideia de comunidades virtuais os quais se apoiariam no primeiro princípio de conexão. Esta comunidade seria a construção de um “nó” que reuniria a partir de afinidades, interesses comuns de conhecimento, projetos de ajuda mútua, como a cooperação ou troca, etc., o qual podemos exemplificar aqui nesse trabalho com a página *We are all Khaled Said*.<sup>78</sup> Essa comunidade virtual não teria necessidade de relação com o espaço geográfico, com distâncias entre estes usuários, apesar de também unir internautas próximos, também desenvolveria comunidades virtuais de pessoas dos diversos lugares e países. Nessas comunidades virtuais a interação desenvolve as sociabilidades vistas no conceito de cibercultura. O terceiro elemento se dá no conceito de inteligência coletiva, este também dependente de seu antecessor, a comunidade virtual, pois um grupo humano só se interessaria pelo desenvolvimento dessa comunidade se não existisse um gerenciamento inteligente, e sim um ideal coletivo, mais imaginativo, mais rápido, mais capaz de inventar.<sup>79</sup>

Adicionando ao entendimento destes conceitos de Lévy, e a definição de Web 2.0 vista no primeiro capítulo, veremos que as mídias digitais construídas nessa nova geração da Web contribuem para uma forma de interação que não somente serve como um meio de comunicação, mas sim se transformara num meio em que os antigos consumidores das velhas mídias se tornam produtores de conteúdo.<sup>80</sup> Esse ciberespaço então acaba dando oportunidade para uma “horizontalização” na comunicação.<sup>81</sup> Como vimos nos princípios do desenvolvimento desse espaço e que se consolidou com a Web 2.0. Dessa maneira, segundo Francisco Rüdiger ao perceber a sociedade em rede de Castells, a internet estimula a inclusão e criatividade, pois os próprios produtores consumidores também produzem a informação da Web. Esse princípio oriundo dessas transformações na internet será também trabalhado por Henry Jenkins, ao destacar uma cultura da convergência decorrente do grande fluxo de informação de diferentes plataformas de mídias, produtores e consumidores desses conteúdos criados<sup>82</sup>. O fato

---

<sup>77</sup> *Idem ibidem.*

<sup>78</sup> *Idem, p. 130.*

<sup>79</sup> *Idem, p. 133*

<sup>80</sup> RÜDIGER, Francisco. As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011. p 131.

<sup>81</sup> *Idem ibidem.*

<sup>82</sup> JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009. p. 29.

que nos interessa nesse momento é que esse espaço desenvolve uma grande gama de fontes que podem ser lidas pelo historiador. No lugar de correspondências, documentos de batizo, atas, testamentos, registros oficiais de governos ou processos judiciais, típicos e recorrentes nas análises históricas, passamos a ter fontes como vídeos que retratam um protesto na Praça Tahrir, por exemplo, fotos, textos, discussões, charges, dentro de uma página na internet que podem registrar rastros históricos.

Interessante, dentro desse contexto, salientar o estudo que Ana Lúcia Migowski da Silva desenvolveu com relação à memória coletiva destacada no microblog Twitter. Silva buscou entender como a memória de um fato pode ser percebida, usando do caso do aniversário de dez anos do atentado de 11 de setembro nos EUA, e de interações e manifestações compartilhadas no Twitter. Os usuários desse site ao rememorem os acontecimentos de 2001 nos EUA estavam demonstrando a partir de comentários, retweets (replicar uma mensagem de outro usuário), ou avaliando mensagens de forma positiva, amplificando a visibilidade da mensagem, qual era em geral a memória coletiva sobre aquele evento, segundo Silva. No campo *Trending Topics*, é possível analisar quais são os assuntos mais comentados de determinada momento, por exemplo.<sup>83</sup> Enfim, esse modelo serviu para percebermos que estas análises já estão sendo feitas e que são de grande relevância para os estudos históricos.

Acredito que uma das maiores resistências aos estudos de fontes que estejam no ciberespaço, concordando com o artigo de Fábio Chang de Almeida<sup>84</sup>, está na própria relação histórica do historiador e suas heranças ditas positivistas do século XIX ao ter o documento impresso e oficial como fonte primária. A questão é que esta visão é transformada nos estudos da Escola dos Annales. Vale então destacar que no texto “Documento/Monumento”, de Jacques Le Goff, temos uma definição sobre o que seriam estas fontes: “*Tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.*”<sup>85</sup> Nesse sentido, podemos incluir toda a discussão trazida até aqui ao compreendermos o espaço da internet em que Pierre Levy conceituara como ciberespaço e cibercultura nesse mundo de pertencimentos, de relações, dependências,

---

<sup>83</sup> PRIMO, Alex. *Op. Cit.* p. 160

<sup>84</sup> ALMEIDA, Fábio Chang de. O Historiador e as Fontes Digitais: Uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. Disponível em: [academia.edu/424584/O\\_HISTORIADOR\\_E\\_AS\\_FONTES\\_DIGITAIS\\_UMA\\_VISAO\\_ACERCA\\_DA\\_INTERNET\\_COMO FONTE PRIMARIA PARA PESQUISAS HISTORICAS](http://academia.edu/424584/O_HISTORIADOR_E_AS_FONTES_DIGITAIS_UMA_VISAO_ACERCA_DA_INTERNET_COMO FONTE PRIMARIA PARA PESQUISAS HISTORICAS) Acesso em: 08/11/2013

<sup>85</sup> LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 540.



gostos, maneiras, relações sociais e culturais que se dão nesse espaço e cultura a partir do homem. Tendo isto em vista, as fontes usadas nesse estudo parecem se encaixar exatamente nas definições acima. Para finalizar a questão historiográfica, de forma a sintetizar o problema aqui proposto, é importante nos lembrarmos dos escritos de Peter Burke e Asa Briggs: “*É inadequado tratar o ciberespaço em termos de ilusão, fantasia ou escapismo. Ele tem economia interna, psicologia e tem a sua história*”<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Op. cit.* p 328.

### 3. HISTÓRIA NO CIBERESPAÇO

A partir da bibliografia de contextualização trazida no primeiro capítulo e as relações teóricas do segundo, será estudada nesse momento a análise de fontes primárias relacionadas aos eventos de protestos no Egito, nesse caso usando a página *We are all Khaled Said* como exemplo de fonte primária. Também será trabalhada nesse terceiro capítulo a análise do vídeo *Collateral Murder* do site Wikileaks e charges do cartunista Carlos Latuff publicadas no Facebook. Dessa forma será possível perceber se estas fontes são relevantes para construir narrativas sobre os eventos históricos supracitados. Lembrando que o foco desse capítulo é de viés empírico, ou seja, busca demonstrar três grupos de fontes no ciberespaço e sua relevância para história. Sendo assim, não tem o objetivo principal de criar uma narrativa explicando com detalhes os acontecimentos em que as fontes estão relacionadas, e sim busca perceber se as fontes supracitadas poderiam ser usadas para estudos históricos.

#### 3.1 *We are all Khaled Said*

Como visto no capítulo de contextualização dos eventos e insurreições no norte da África, alguns símbolos ou mártires foram sendo construídos tanto no caso da Tunísia como no caso Egípcio. Se no caso da Tunísia Muhammad Bouazizi se tornou esse ícone representativo da situação de dificuldades que o povo Tunisiano enfrentava, no caso do Egito algo parecido ocorrera. Khaled Said era um jovem de vinte oito anos de idade dono de uma pequena loja de produtos esportivos em Alexandria. Em junho de 2010, dois policiais à paisana o tiraram de um cybercafé e agrediram-no até a sua morte num prédio próximo.<sup>87</sup> Segundo o historiador James L. Gelvin, a razão desse acontecido teve como base uma atitude de Said, a qual foi postar um vídeo na Web em que demonstrava dois policiais corruptos dividindo dinheiro e drogas que haviam confiscado de um traficante.<sup>88</sup> Apesar dos detetives que estavam investigando a sua morte terem concluído que Said havia morrido por ter ingerido drogas para evitar a prisão por posse, fotos tiradas de seu corpo indicavam outra perspectiva. Não se sabe a origem dessas fotos, se foi de familiares ou de testemunhas ao usarem celulares no momento do crime, a questão é que o tio da vítima não se convenceu da conclusão do

---

<sup>87</sup> GELVIN, L. James. *Op. cit.* p. 49.

<sup>88</sup> *Idem, Ibidem.*

inquérito e procurou outros meios de denúncia, como conferências de imprensa e defensores dos direitos humanos.<sup>89</sup> Nesse contexto a página chamada *We are all Khaled Said* foi criada de forma anônima, e em tradução livre significa “Somos todos Khaled Said”. Existem duas versões desta página, uma em inglês e outra em árabe, sendo que a versão em inglês é que está sendo estudada.

Nas próximas páginas analisaremos algumas imagens retiradas da página no Facebook intitulada *We are all Khaled Said*. Dividiremos em dois grupos de fontes de acordo com datas importantes nos eventos do Egito. A fundação da página e seu propósito primeiro e os chamados dias de fúria que ocorrem ao redor do dia 25 de janeiro de 2011 e reúnem enormes protestos no país. Os critérios para seleção dessas imagens passaram, como visto, pelas as datas importantes, foram também analisadas e cruzadas com notícias de jornal e com a bibliografia estudada, e terá como base uma análise que busca o entendimento de uma nova cultura de protesto. Dessa forma foi dada atenção aos comportamentos, meios, formas e atitudes que os ativistas digitais proporcionaram para buscar atingir as suas reivindicações. É importante ressaltar que o objetivo dessa pesquisa não é fazer uma narrativa sobre toda a conjuntura de protestos ao redor do mundo, algo praticamente inviável, mas sim perceber que fontes que estão na internet também podem ajudar a construir essa narrativa.



Imagem 01 - Página inicial *We are all Khaled Said*

<sup>89</sup> *Idem, ibidem.*

Fonte: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk> Acesso em: 02/11/2013

Logo de início vamos à apresentação do conteúdo e dados que são proporcionados pela própria página no Facebook<sup>90</sup>. Desde a última atualização no dia 05/12/2013, a página continha cerca de 337 mil usuários, tinha como o momento de maior popularidade e interação o dia 17 de junho de 2012, o que coincide com as datas de eleição no Egito. A cidade onde se encontra a maioria das pessoas que interagem com a página era a cidade de Cairo no Egito e a média de idade desses participantes estava entre 18 e 24 anos de idade. Sua fundação foi no dia 19 de julho de 2010. Já podemos perceber então com essas informações que a página foi criada antes do evento de suicídio na Tunísia e todo o contexto de grandes protestos que se iniciou naquele país de acordo com o primeiro capítulo estudado nesse trabalho.

Como comentado, vamos ao primeiro grupo de fontes que trarão informações sobre a conjuntura do ativismo online no Egito nos idos de 2010. Vejamos a primeira publicação da página:



Imagem 02 - Foto de Khaled Said após violência policial

Fonte: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk> Acesso em: 02/11/2013

Infelizmente, mesmo que não seja nenhum pouco confortável analisar essa imagem, é de suma importância para os ativistas que estavam tentando buscar justiça para com

<sup>90</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk/likes>. Consultado em 02/11/2013

Khaled Said. Por isso se encontra nesse trabalho. De acordo com a bibliografia, no caso o historiador James L. Gelvin, a informação da página no Facebook também vai de encontro com suas reflexões, pois retrata uma não conformidade com o discurso oficial da polícia sobre a morte do jovem Said. Notamos nessa publicação, o qual está em conjunto com outras 46 fotos de outras pessoas que também sofreram alguma violência policial, que o modo de reivindicar justiça desses ativistas é buscando uma comprovação por meio de imagens, mesmo que chocantes para convencer seus receptores. Não seria possível a nota oficial de morte de Said (asfixia) estar de acordo com o retrato de Said. Vejamos uma reportagem veiculada cerca de um ano após a morte de Said:

O tribunal penal de Alexandria condenou Mahmoud Salah Mahmoud e Awad Ismail Suleiman por “crueldade” contra a vítima, uma sentença que não agradou a ninguém: mal foi lido o veredicto, familiares dos dois policiais insultaram o juiz e agrediram alguns advogados, enquanto activistas e parentes do jovem se insurgiam contra a leveza das penas. “Não lhe foi feita justiça e nós não vamos desistir”, disse à Reuters um tio, avisando que a resposta ao veredicto “será feita nas ruas, não dentro do tribunal”.<sup>91</sup>

Somente cerca de um ano após o crime é que os policiais foram julgados e condenados, o que demonstra uma reversão de atitudes por parte da justiça Egípcia.

Nessa próxima imagem veremos a construção de formas de reivindicação de ativismo online:

---

<sup>91</sup>Público. Polícias que mataram blogger egípcio condenados a sete anos de prisão. Disponível em: <http://www.publico.pt/mundo/noticia/policias-que-mataram-blogger-egipcio-condenados-a-sete-anos-de-prisao-1518384> Acesso em: 01/12/13.

## New idea about spreading our page and our cause on Facebook



29 de julho de 2010 às 20:45

There is an idea that we are going to implement on our Arabic Facebook page ([www.facebook.com/elshaheed](http://www.facebook.com/elshaheed)) which is basically about spreading the page to all our friends and on Facebook by doing something really simple.

Every time we post a new link, video, article or status, we want all our supporters to click like on it (if they really like it). This will mean that all our friends they will see that we liked something on this page.

It will also mean that our page will have a better exposure on Facebook. Of course, needless to say, if you do not like, don't press like, just comment with your view. What does everyone think about this? Does this sound like a good idea to implent on this page as well?

Please let us know your views on this. I am really looking forward for feedback on whether to implement it or not.

 Curtir  Comentar  Compartilhar

35 pessoas curtiram isso.



**Hesham Kahil** I am all for it.

29 de julho de 2010 às 20:54 · Curtir ·  1



**Gihan Mohammad Abdelaziz Elsherif** It's sure a very good idea. Keep up the good work. Allah bless you.

29 de julho de 2010 às 20:55 · Curtir ·  2

Imagem 03 – Nota explicando meios para espalhar a causa online.

Fonte: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk> Acesso em: 02/11/2013.

Nessa nota publicada pela página, ainda em seus primeiros dias, os administradores da página estão tentando refletir com os usuários os meios que teriam mais força na hora de divulgar as suas causas no Facebook. Oferece uma proposta que é a de dar “likes” (“curtir”) em toda publicação que for possível, dessa forma a página teria maior visibilidade na rede social ao ser vista por mais amigos conectados.

Na próxima imagem veremos os objetivos dos ativistas da página em uma pequena publicação que foi traduzida nas mais diversas línguas, o que demonstra também a importância do conhecimento da causa fora do país. Basicamente os

militantes da página queriam o fim da tortura e da Lei de emergência no Egito, a qual restringiria direitos básicos de liberdade<sup>92</sup>. Nesse momento podemos então perceber uma ligação entre o contexto do caso particular “Khaled Said” com uma conjuntura de restrições civis por parte do governo. O termo “*We are all*” acaba refletindo cada vez mais essa relação. Não podemos deixar de lembrar, de acordo com a bibliografia estudada, que nesse período o Egito está vivendo um regime ditatorial na figura do presidente Hosni Mubarak<sup>93</sup>.

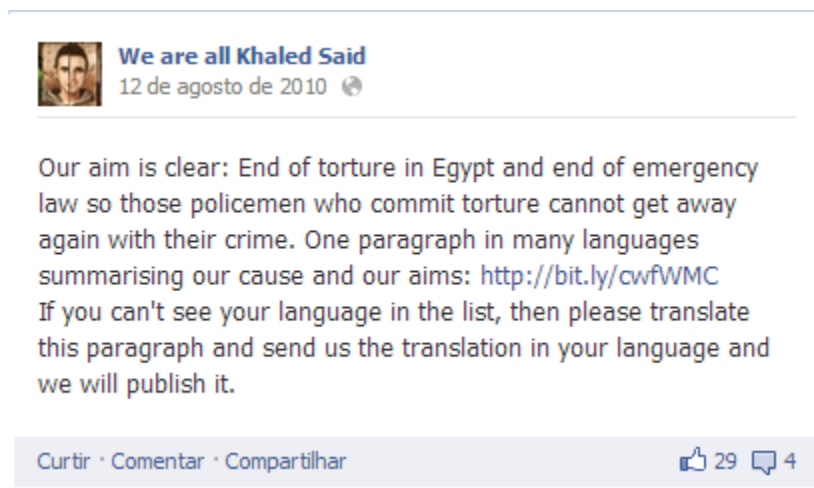


Imagem 04 – Publicação em que demonstra os objetivos dos ativistas da página.

Fonte: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk>. Acesso em: 03/11/2013.

Na próxima imagem, e última desse espectro de fontes sobre o início do desenvolvimento da página, teremos a oportunidade de vermos a publicação do vídeo de um protesto, através do youtube, que gravou imagens de manifestantes na frente da casa de Khaled Said. Nesse vídeo é possível analisarmos um pequeno-médio contingente de pessoas gritando palavras de protesto, assim como manifestantes munidos de celulares que gravavam aquele momento. Vale salientar que apesar de um bom número de

---

<sup>92</sup> Informação da Federação Internacional dos Direitos Humanos. “The emergency law is a tool in the hands of the executive power to storm many basic rights and freedom guaranteed by the Egyptian Constitution. Since the assassination of President Anwar El Sadat in October 1981 , the emergency law was renewed by a temporary resolution no. 560/1981 for one year and then has been extended many times again till 2011. Disponível em: <http://www.fidh.org/en/north-africa-middle-east/egypt/THE-EMERGENCY-LAW-IN-EGYPT>. Acesso em: 01/12/2013.

<sup>93</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Op. Cit.* p. 241 – 242.

peças que aparecem no vídeo, na publicação poucos são os que curtiram. Assim, a página ainda está em seu princípio. Outra imagem posterior, de novembro de 2010 vai demonstrar que a página no Facebook atingira 10 mil seguidores.



Imagem 05 – Protesto na frente da casa de Khaled Said.

Fonte: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk> Acesso: 04/11/2013.

Nesse momento passaremos para o segundo grupo de imagens que se concentrariam entre os dias 25 de janeiro e 11 de fevereiro de 2011. Momento de maior intensidade de protestos em que se concentraram no chamado Dia de Fúria segundo os próprios manifestantes. É nesses breves dezoito dias de protestos que o vice presidente Suleiman anuncia que o Hosni Mubarak teria renunciado ao governo e entregue os poderes aos militares.<sup>94</sup> Sabemos a partir das fontes aqui descritas que a organização de protestos online no Egito é anterior ao resultado da queda do presidente na Tunísia.

<sup>94</sup> *Idem, ibidem.*



Mesmo assim, após a renúncia de Ben Ali, os manifestantes que já estavam numa conjuntura de descontentamento, segundo os estudos do primeiro capítulo e as fontes supracitadas, se encorajaram após saberem que um governo da Tunísia havia sido derrubado. Vale destacar aqui a pesquisa descrita por Vivian Patricia Peron Vieira sobre a amplitude das mídias sociais nesses dias de protestos na Praça Tahrir. Nesse estudo temos dados que demonstraram que em 2010 cerca de 4 milhões de Egípcios já tinham contas no Facebook, nesses dias de protestos cerca de 80% dos manifestantes usaram telefone para se comunicarem sobre as manifestações, aproximadamente metade tinham Facebook, 13% usaram Twitter e cerca de 50% produziram e disseminaram vídeos e imagens dos protestos na ruas especialmente através do Facebook. O contexto de ativismo chegou ao ponto que o governo Egípcio cortou os serviços de comunicação, incluindo a internet, durante os dias 25 de janeiro e 2 de fevereiro<sup>95</sup>. O desligamento da internet só fez com que os protestos aumentassem, pois legitimou as insurreições, e atraiu mais pessoas interessadas em entender o que estava acontecendo no país, assim como ativistas com conhecimentos técnicos mais avançados em computação continuaram a enviar mensagens para fora do país.<sup>96</sup>

Like the Tunisian protests, the calls for the rallies in Egypt went out on Facebook and Twitter, with 90,000 saying they would attend. Organizers used the site to give minute-by-minute instructions on where demonstrators should go in an attempt to outmaneuver the Police.<sup>97</sup>

Dessa forma que o site de notícias Huffingtonpost retrata a relação entre a página no Facebook e os protestos proclamados para o dia 25 de janeiro. Vejamos um exemplo publicado no dia 15 de janeiro do mesmo ano na página *We are Khaled Said*:

---

<sup>95</sup> VIEIRA, Vivian Patricia Peron. O papel da comunicação digital na Primavera Árabe: Apropriação e mobilização social. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT-05-Comunicacao-e-Sociedade-Civil-Vivian-Peron1.pdf>. Acesso em: 01/12/2013.

<sup>96</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>97</sup>Huffingtonpost. Mubarak Faces Egypt Protests On 'Day Of Rage'. Disponível em: [http://www.huffingtonpost.com/2011/01/25/mubarak-faces-egypt-prote\\_n\\_813572.html](http://www.huffingtonpost.com/2011/01/25/mubarak-faces-egypt-prote_n_813572.html). Acesso em: 28/11/2013.



Imagem 06 – Publicação de convocatória dos protestos do dia 25 de janeiro.

Fonte: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk>. Acesso em: 02/11/2013.

É possível ver nessa publicação que os ativistas da página desenvolvem uma convocação para os protestos do dia 25 de janeiro usando imagens de vítimas do regime de Mubarak, entre elas o próprio Khaled Said. Assim como essa imagem, inúmeras outras foram construídas para chamar os protestos para o dia 25, não somente no Egito, mas na frente de embaixadas Egípcias ao redor do mundo. Tinha como principal slogan a luta contra a corrupção, a tortura e o desemprego. Tais fatores ajudam a entender o contexto maior se lembrarmos dos índices de desemprego e questões econômicas vistas no primeiro capítulo.



**We are all Khaled Said**

24 de janeiro de 2011

Very Important: We will be doing a FULL live coverage of protests in Egypt (Cairo, Alexandria, etc) and all other protests that are taking place worldwide to support Egyptian protests today Tuesday 25th. Please follow me on twitter (alshaheed) and on the facebook page here. If you haven't already invited all your friends, please do this now. 25th January is our big day.

Curtir · Comentar · Compartilhar

16 1

Imagem 07 – Comunicado de que a página faria a cobertura de informes sobre os protestos do dia 25 de janeiro.

Fonte: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk>. Acesso em: 28/10/2013.

Outra imagem que testemunha essa sociabilidade nova desenvolvida na rede. Nessa o administrador está deixando claro que transmitirá informações sobre os protestos do dia 25 através do Twitter e do Facebook. Alerta para avisar os amigos e para seguir a página, destacando a consciência do “grande dia”, 25 de janeiro.



Imagem 08 – Duas publicações com informes e link para assistir os protestos.

Fonte: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk>. Acesso em: 02/11/2013.

Nessa figura temos duas publicações que exemplificam como os administradores da página usavam as novas mídias para informar seus seguidores dos protestos. Como exposto anteriormente, as páginas davam atualizações em tempo real sobre o que estava ocorrendo em determinados lugares. Na parte superior dessa imagem temos a indicação que cerca de duas mil pessoas estão protestando na frente do palácio presidencial, também que um manifestante “Twittou” comentando que está tudo calmo e sem violência. Igualmente é informado para os usuários que Tahrir Square está tomada por manifestantes. Na parte inferior da imagem temos uma forma de informação muito

peculiar nos eventos. O administrador divulga um link do Bambuser<sup>98</sup> que demonstra manifestantes ao vivo na frente da sede da TV Nacional.

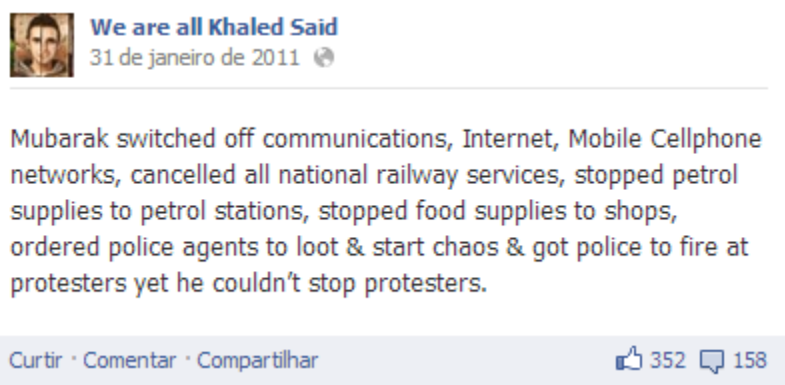
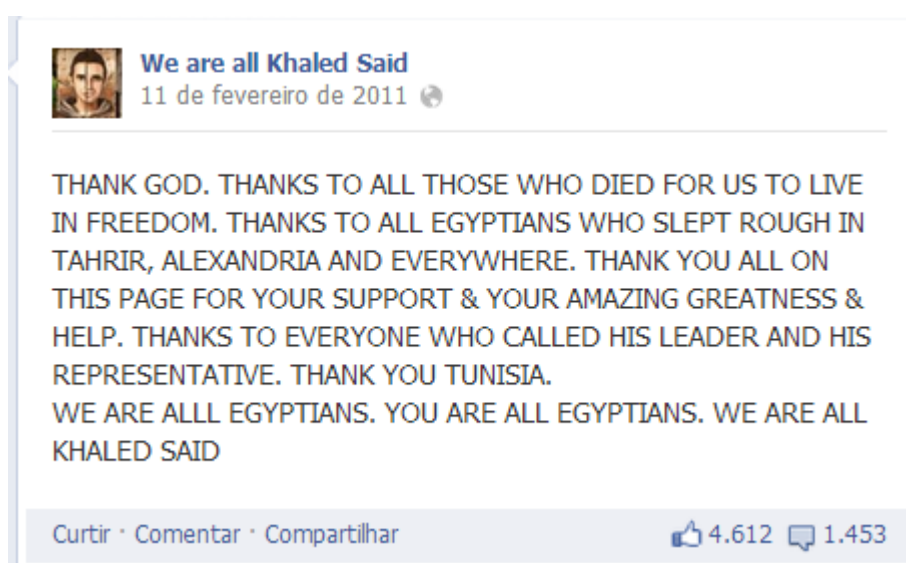


Imagem 09 – Comunicado de que o governo havia cortado serviços básicos como a comunicação.

Fonte: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk>. Acesso em: 03/11/2013.

Nesse momento a página retrata os dias em que a internet, serviços básicos e comunicações em geral foram desligadas pelo regime de Mubarak. Fato confirmado por vários autores. Ao analisarmos os comentários no compartilhamento podemos perceber as falhas nas comunicações. Detalhe para o dia 31 de janeiro, um dos momentos de tensão dos 18 dias de protestos mais intensos do período.



<sup>98</sup> Empresa Suíça criada em 2007 que cede o serviço de streaming. Os usuários podem transmitir vídeos em tempo real de celulares ou computadores de praticamente qualquer lugar.

Imagem 10 – Nota de comemoração e agradecimento.

Fonte: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk>. Acesso em: 20/10/2013.

O dia da vitória, dia 11 de fevereiro de 2011, data da renúncia de Hosni Mubarak depois de 30 anos no poder do Egito. Importante perceber o número de pessoas que curtiram, e a grande relação de interação na publicação, ao redor de 1500 comentários. Um post de agradecimentos, o qual confirma a relação dos ativistas com a identidade de pessoas que eram reprimidas pelo regime, chamando todos de Khaled Said.

Um pequeno grupo de imagens foi usado como exemplo aqui no trabalho, porém dezenas de outras foram analisadas também, tanto para confirmar a amplitude do canal no Facebook, quanto para perceber a recorrência de informações e interpretações que poderiam ser utilizadas para entender as insurreições no norte da África. Podemos perceber que as informações trazidas pela página tinham alto grau de confiabilidade ao terem sido cruzadas com fontes de jornais tradicionais, assim como pela bibliografia de contextualização dos eventos. Podemos entender também como a cultura de protesto online estava sendo criada ao mesmo tempo em que se construía uma identidade ativista, como o exemplo trazido aqui sobre os meios para se conseguirem maiores adeptos a causa. Como também percebemos as formas como o ativismo ocorria, o uso de vídeos de celulares, links para reportagens, fotos tiradas por manifestantes, frases de efeito, textos descrevendo as várias situações nos protestos, vídeos em tempo real que demonstravam protestos em alguma cidade no Egito para todo o mundo, enfim, as inúmeras formas e meios que foram se construindo ao longo do período e se transformando numa forma cultural de ativismo online.

### **3.2. CARLOS LATUFF**

Carlos Henrique Latuff, nascido no emblemático ano de 1968 no Rio de Janeiro, começou a sua carreira como cartunista político nos anos 1990 em um boletim do Sindicato dos Estivadores. Contribuiu com trabalhos para o Movimento Zapatista no México, para a Libertação da Palestina, publicou charges<sup>99</sup> sobre o Holocausto,

---

<sup>99</sup> O termo charge é proveniente do francês “charger” (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo o

participou de concursos artísticos no Irã, e ultimamente a partir de 2012 tem desenvolvido um vasto trabalho em sua página do Facebook.<sup>100</sup> É nessa página que analisaremos aqui o impacto do ciberespaço em fatos históricos. Veremos a seguir charges que foram publicadas em sua página e retratam momentos de protestos na Turquia e no Brasil entre maio e junho de 2013. Teve como objetivo perceber, assim como nas fontes anteriores da página *We are all Khaled Said*, essa construção de sociabilidades e da cultura do ativismo online. Além disso, no caso dessas charges perceberemos dados que indicam a construção de um imaginário de identidade supranacional no ativismo cibernético. Mais do que nos aprofundarmos nas questões que levaram às grandes manifestações no Brasil e na Turquia, trabalharemos aqui se estes fatos históricos passaram pela internet, dessa forma respondendo também a questão principal desse trabalho.

Como vimos de forma breve no primeiro capítulo, o qual buscou refletir sobre as várias manifestações que ocorreram ao redor do mundo, a partir de explicações econômicas relativas à crise de 2008 ou até questões de transformações dos meios de comunicação (web). Os casos da Turquia e do Brasil estão dentro de um contexto que é a questão do acesso à cidade. Tanto em questão de transporte dentro da cidade, como de acesso aos espaços públicos da cidade sem a necessidade de pagar ou pedir autorização para tal. Nesse sentido, o neoliberalismo explicado no primeiro capítulo está em acordo com as reflexões de David Harvey em seu artigo “A liberdade da cidade”:

O direito à cidade não pode ser concebido simplesmente como um direito individual. Ele determina um esforço coletivo e a formação de direitos políticos coletivos ao redor de solidariedades sociais. No entanto o neoliberalismo transformou as regras do jogo político. A governança substituiu o governo; os direitos e as liberdades têm prioridade sobre a democracia. A lei e as parcerias público privadas, feitas sem transparência, substituíram as instituições democráticas; a anarquia do mercado e do empreendedorismo competitivo

---

efeito é conseguido por meio do exagero. Ela se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, que critica um personagem ou fato específico.

<sup>100</sup> Disponível em: [http://www.ifcs.ufrj.br/~amorj/arquivos/Carlos\\_Henrique\\_Latuff.pdf](http://www.ifcs.ufrj.br/~amorj/arquivos/Carlos_Henrique_Latuff.pdf) Acesso em: 02/12/13.

substituíram as capacidades deliberativas baseadas em solidariedades sociais.<sup>101</sup>

Partindo dessa premissa é que os eventos no Brasil e na Turquia tiveram seus catalisadores. O caso do aumento de 0,20 centavos na passagem de ônibus em São Paulo, e a demolição do Parque Gezi e Praça Taksim para dar lugar a um shopping center. Evidentemente que inúmeras outras explicações foram desenvolvidas, mas nesse trabalho teremos como base a questão do acesso à cidade para analisarmos as fontes a seguir. No Brasil os protestos tiveram início devido a convocatórias do MPL (Movimento Passe Livre), que de começo no dia 6 de junho tiveram cerca de 4 mil manifestantes, e logo após, duas semanas depois, somavam cerca de 1,4 milhão de pessoas em cerca de 120 cidades ao redor do país<sup>102</sup>. Partindo de uma questão de mobilidade urbana os ativistas passaram a questionar outros fatores, como a questão da representatividade política no Brasil. Na Turquia, no final de maio do mesmo ano, milhares de pessoas passaram a ocupar, acampando e protestando no complexo Gezy, assim como a Praça Taksim, a maior área pública do tipo no país. Os motivos iniciais teriam sido a não concordância por parte da população com o projeto que seria implementado no lugar, a construção de shoppings centers e um complexo comercial para turistas.<sup>103</sup> Essa questão urbana de acesso ao lugar público, assim como reivindicações ambientais devido ao corte de árvores do lugar, após uma repressão policial para com os manifestantes, fez aumentar as movimentações políticas de Istambul. A partir desse momento, as reivindicações e críticas dos manifestantes passaram a ser também sobre a censura, autoritarismo do governo e repressão.

Tendo essa pequena base de reflexão sobre os eventos na Turquia e no Brasil podemos partir agora para análise das imagens.

---

<sup>101</sup> MERICATO, Ermínia... [et al]. *Op Cit* p. 32.

<sup>102</sup> *Idem*, p 59.

<sup>103</sup> ROLNIK, Raquel. Praça Taksim: protestos em Istambul pelo direito à Cidade. Disponível em: <http://raquelrolnik.wordpress.com/2013/06/04/praca-taksim-protestos-em-istambul-pelo-direito-a-cidade/> Acesso em: 07/12/13



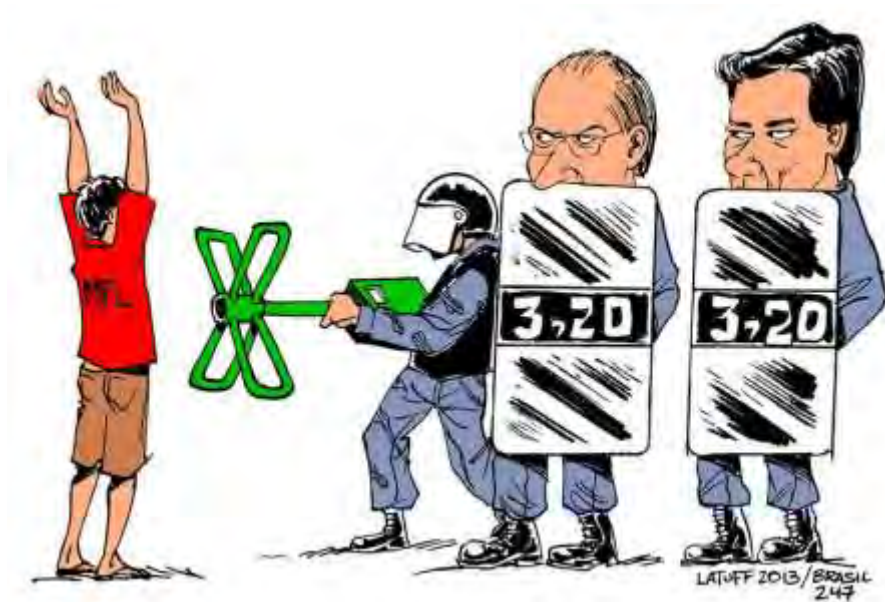


Imagem 11 – Charge de Latuff sobre os protestos em junho de 2013.

Fonte: <https://www.facebook.com/realcarloslatuff>. Acesso em: 20/08/13.

Nessa charge podemos extrair um pouco sobre o contexto histórico envolvendo os protestos de junho de 2013. Principalmente sobre a questão do Movimento Passe Livre sendo reprimido simbolicamente pelo governador Geraldo Alckmin e pelo prefeito Fernando Haddad, ambos do estado e da cidade de São Paulo, respectivamente. Detalhe para o uso da polícia como escudo dos protestos realizados até então, e o preço da passagem de ônibus. Logo abaixo podemos ver a descrição de Carlos Latuff ao publicar a sua charge, a data e o alcance da sua publicação. 427 pessoas curtiram e 755 compartilharam a charge de Latuff.



Imagem 12 – Comentário de Latuff na publicação da charge acima.

Fonte: <https://www.facebook.com/realcarloslatuff>. Acesso em: 20/08/13

No decorrer dos meses de maio e junho protestos ocorreram tanto no Brasil como na Turquia. Veremos agora exemplos de como esses manifestantes interagem. Apesar de não ser uma charge de Latuff, é importante para percebermos as imagens que virão a seguir sobre o tema.



Imagem 13 – Foto de ativistas na Turquia.

Fonte: <https://www.facebook.com/realcarloslatuff>. Acesso em: 25/08/13.

Imagem de um ativista na Turquia que Carlos Latuff compartilha em sua página no Facebook. Demonstra um apoio entre ativistas destes países, no qual descreve: “Todo lugar é São Paulo. Em todo lugar resistência”. Logo abaixo na imagem também está escrito: “Resista Brasil! A Turquia está ao seu lado!”.



Imagem 14 – Comentários da foto na imagem 13.

Fonte: <https://www.facebook.com/realcarloslatuff>. Acesso em: 25/08/13.

Logo ao lado da foto podemos ver essa figura acima, na qual demonstra cerca de 10 mil compartilhamentos. Ou seja, outras dez mil pessoas compartilharam a imagem, assim replicando a sua amplitude de “audiência”.

Como visto no caso da página *We are all Khaled Said* anteriormente, poderemos perceber nesse contexto também novas formas de interação e sociabilidade. Novas formas culturais de ativistas se manifestarem. No caso abaixo, poderemos ver uma charge em que o Primeiro ministro da Turquia Recep Tayyip Erdogan, é retratado como antidemocrático, contra a liberdade de expressão e cortando árvores, o que lembra a política de urbanização do complexo Gezy. O interessante dessa imagem é que ela estava sendo replicada por celulares, o que demonstra também uma nova forma de ativismo.



Imagem 15 – Charge compartilhada por celular.

Fonte: <https://www.facebook.com/realcarloslatuff>. Acesso em: 27/08/13.

Abaixo poderemos ver outro detalhe, o caso da charge que fora replicada no celular e está sendo compartilhada no Facebook. Adicionando, os comentários de Latuff ao criticar a mídia da Turquia sobre um suposto bloqueio.



Imagem 16 – Comentários sobre a publicação da imagem 15.

Fonte: <https://www.facebook.com/realcarloslatuff>. Acesso em: 27/08/13

No início de junho de 2013 uma reportagem do site de notícias UOL replicou a seguinte sentença que o primeiro ministro Turco havia dito: “*Para mim, as redes sociais são a maior ameaça à sociedade*”.<sup>104</sup> Tal pronunciamento teria relação com o uso das redes sociais nos protestos na Turquia. Vejamos a próxima imagem:



Imagem 17 - Charge de Latuff sobre os protestos na Turquia.

Fonte: <https://www.facebook.com/realcarloslatuff>. Acesso em: 02/10/13.

Nessa charge que Latuff publicou no dia 2 de junho podemos ver a relação de atrito entre as redes sociais e o governo da Turquia. O pronunciamento do primeiro ministro o

<sup>104</sup> UOL. Primeiro-ministro nega primavera turca e culpa redes sociais por protestos. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/06/03/primeiro-ministro-nega-primavera-turca-e-culpa-redes-sociais-por-protestos.htm> Acesso em: 07/12/13.

fez ser visto contra a liberdade de expressão. Detalhe para o pássaro simbolicamente “cantando” a palavra Taksim em referência aos protestos da praça de mesmo nome. O pássaro da imagem lembra a logomarca da empresa Twitter (palavra que significa “gorjeio”, em português), site de rede social no qual o usuário pode replicar frases de até 140 caracteres.



Imagem 18 – Fotos sobre exposição de charges na Turquia.

Fonte: <https://www.facebook.com/realcarloslatuff>. Acesso em: 02/10/13.

Nesse registro de 6 de junho de 2013 Latuff compartilha fotos em que ativistas da Turquia estão mostrando uma exposição de charges críticas ao governo, entre elas as charges de Carlos Latuff. Vale salientar as inúmeras publicações que enfatizavam a união entre ativistas, como fotos de bandeiras da Turquia e do Brasil juntas, ou ativistas segurando cartazes em apoio a um protesto em outro país. Também ocorreram casos como ativistas que seguravam uma foto em apoio aos protestos turcos estando na cidade de Seattle nos EUA, assim como aconteceu que pessoas de vários países diferentes seguravam cartazes, às vezes imagens de Khaled Said em apoio aos protestos no Egito.

Nessa próxima fonte poderemos analisar um exemplo de cultura da convergência de Henry Jenkins, onde o fluxo de conteúdo passa por inúmeras formas de mídia, em que um produto pode ser alterado adicionado a outro e dar a volta ao globo

em diferentes contextos, assim como tem como base a interação entre produtor e consumidor midiático, algo visto também ao estudarmos a Web 2.0. Dessa forma, veremos então uma charge de Latuff que foi publicada numa conta da organização Wikileaks no Twitter. O tema da charge recai sobre o caso de Bradley Manning, soldado acusado pelo governo americano de ter vazado para o Wikileaks o arquivo intitulado *Collateral Murder*. Adiantando o assunto da próxima parte desse capítulo.



Imagem 19 – Charge de Latuff publicada na conta do Wikileaks no Twitter.

Fonte: <https://www.facebook.com/realcarloslatuff>. Acesso em: 02/10/13.

Nessas imagens vistas até aqui é possível então perceber a construção do ativismo online. No caso da página do Carlos Latuff, o uso de charges que teriam maior alcance online que em publicações na mídia tradicional. Pudemos perceber também que fatos históricos como o caso dos protestos na Turquia e no Brasil passaram pela internet, mais do que isso, influenciaram nos fatos, lembremos o exemplo do discurso do primeiro ministro turco. O que por sua vez, fez com que ocorressem mais respostas online criticando a sua atitude. Muito interessante foi o caso do compartilhamento de críticas

ao governo a partir de celulares. De fato, as mídias não desenvolveram ou originaram os protestos, mas certamente fizeram parte desses fatos históricos. Sendo assim, são fontes históricas que ajudam a construir uma narrativa dentro do ciberespaço sobre os eventos nas ruas de Turquia e Brasil.

### 3.3 COLLATERAL MURDER

A partir da década de 1990 com o aparecimento de uma nova geopolítica, ou uma nova ordem mundial tendo os Estados Unidos como principal potência, foi possível crescimento de um “novo imperialismo”. Desde o governo de Ronald Reagan com a organização das forças armadas e de um Comando Central responsável somente pelo Oriente Médio, a política belicista americana estava demonstrando suas novas direções.<sup>105</sup> Mesmo antes do ataque ao complexo comercial World Trade Center em 11 e de setembro de 2001 em New York, temos dados suficientes para sabermos que o governo Bush já tinha em planos uma ofensiva no Oriente, particularmente o Iraque.<sup>106</sup> É então em 2003, já com um aporte de legitimação midiática, cultural, social e econômica em cima dos atentados de 11 de setembro, que os Estados Unidos acabam por invadir o país. Sob alegação de ligação de Saddam Hussein aos atentados terroristas de 2001, assim como uma acusação que o país teria armas de destruição em massa, fatores comprovados posteriormente como falsos, já indicariam o futuro da imagem pública americana.<sup>107</sup>

É nesse conflito, que tem como base os interesses petrolíferos na região, algo entre 50 e 100 bilhões de barris de petróleo<sup>108</sup>, que um documento militar em forma de vídeo gravado no dia 12 de julho de 2007 é produzido. No primeiro capítulo já obtivemos informações gerais dessa fonte. Esse documento vazado pelo militar Bradley Manning, assim como milhares de outros que ficaram conhecidos como o maior vazamento de informação dos EUA na história<sup>109</sup>, traz informações muito importantes para que o historiador tenha um maior acesso a como se davam as relações militares e

---

<sup>105</sup> KARNAL, Leandro... [et al]. *Op Cit.* p. 263.

<sup>106</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Op Cit.* p. 139.

<sup>107</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>108</sup> *Idem*, p. 141

<sup>109</sup> The Guardian. Bradley Manning's personal statement to court martial: full text. Disponível em:

<http://www.theguardian.com/world/2013/mar/01/bradley-manning-wikileaks-statement-full-text>

Acesso em: 09/12/13.



civis no Iraque em tempos de guerra. Seguimos para uma análise e descritiva sobre o que a fonte informa e como tal documento se torna relevante para os estudos históricos.

Às 10:44 de 5 de abril de 2010, a organização Wikileaks divulgou o documento intitulado *Collateral Murder*. O documento retrata comportamentos, práticas militares, assassinatos, conversas entre militares, atitudes que ocorreram no dia 12 de julho de 2007 no Iraque. É um vídeo gravado a partir de uma aeronave chamada AH-64 Apache, um helicóptero militar das forças armadas americanas. Foi chamado pela equipe de Julian Assange como Projeto B. Tem um total de 38 minutos e é dividido em duas versões. Uma mais curta que resume os principais momentos, segundo o Wikileaks, dos acontecimentos do fatídico dia 12 de julho. A fidelidade do documento já salientada no primeiro capítulo ainda também é sustentada pelos principais jornais do mundo como o The guardian, The New York Times, Le Monde, El País e Der Spiegel. Devido a ter dois jornalistas da Reuters que foram assassinados por esse ataque americano no Iraque, a empresa estava tentando buscar informações e obter o vídeo, porém sem sucesso.<sup>110</sup> Devido ao impacto que o documento teria ao ser lançado, a organização Wikileaks criou um site<sup>111</sup> somente para o arquivo com inúmeros de outros sites espelhos para que não tivesse a possibilidade de ser retirado do ar. Também foi publicado no youtube e desde a última visualização em 07/12/13 tinha cerca de 14 milhões de views.

Vamos à descrição da fonte:

*“Political language is designed to make lies sound truthful and murder respectable, and to give the appearance of solidity to pure wind.”* George Orwell.

Dessa forma que o vídeo começa, certamente algo que fora posto posteriormente pela organização. Na versão maior essa citação de Orwell não aparece, mas sim informações de que o Wikileaks fora a organização que discriptografou o vídeo.<sup>112</sup> Podemos perceber também que a organização busca contextualizar a fim de dar ao espectador um antecedente de entendimento sobre o que está por assistir. Explica que o incidente ocorre no distrito de Nova Bagdá, que doze pessoas morrem, e que duas crianças acabam seriamente feridas. Explica que parecia ter um homem armado mesmo que o ambiente parecesse calmo. Cita os nomes dos dois jornalistas da empresa Reuters

---

<sup>110</sup>VALÉRIE, Guichaoua. *Op. Cit.* p. 119

<sup>111</sup> <http://www.collateralmurder.com>

<sup>112</sup> Toda a transcrição das conversas entre os militares podem ser acessadas em: <http://www.collateralmurder.com/file/subtitle-pt.srt>

mortos: Saeed Chmagh e Namir Noor-Eldeen. Também faz o uso de imagens do filho de Saeed com uma foto de seu pai que fora morto, assim como a foto de Saeed. O que podemos perceber é que a organização já de antemão busca fazer com que o espectador fique ligado emocionalmente com as pessoas que foram atingidas por tiros de canhões de calibre 30 mm do helicóptero Apache. O vídeo deixa clara a posição do exército americano ao mostrar declarações do coronel Scott, o qual afirmou ter sido uma operação militar normal.

O vídeo é gravado a partir da mira do canhão de 30 mm do Helicóptero, ou seja, demonstra a visão do atirador. O som é de militares conversando via rádio intercalado com o barulho do helicóptero, no que o Wikileaks adicionou legendas para facilitar ao espectador o entendimento. Vejamos uma imagem para facilitar o entendimento:



Imagem 20 – Imagem do vídeo *Collateral Murder*.

Fonte: <http://www.collateralmurder.com/en/index.html>. Acesso em: 14/11/13.

Percebemos na conversa entre os militares que eles buscam uma confirmação se existia alguém entre o grupo de pessoas avistadas no solo de Bagdá com armas. Na versão curta o Wikileaks optou por indicar quem era o suspeito com a arma, este era Saeed o jornalista com uma câmera. Na versão maior este dado não é informado. O exemplo serve para percebermos que o Wikileaks como política organizacional publica um documento contextualizando e dando informações adicionais e outro de forma pura para que fique claro a busca pela neutralidade. Porém o vídeo que rodou o mundo pelas mais diversas mídias foi a versão menor com informações do Wikileaks. Todas as informações comprovadas, inclusive pela testemunha ocular do conflito, o militar Ethan McCord's, o qual parece carregando uma criança ferida posteriormente.

Após o pedido para permissão para atirar ocorre que um dos militares avista uma RPG (Rocket Propelled Grenade), ou granada lançada por foguete, nas mãos de um homem no solo. Nada é comentado pelo Wikileaks sobre isso, algo que realmente no calor do momento seria difícil de discernir, porém este suspeito não estava junto com o grupo maior com os jornalistas. Talvez a confusão tenha ocorrido devido Namir ter posto a câmera sob os ombros.



Imagem 21 – Momentos antes do ataque.

Fonte: <http://www.collateralmurder.com/en/index.html>. Acesso em: 14/11/13.

Vários corpos aparecem em seguida, inclusive com um carro blindado do exército atropelando um dos corpos, o que causa risos entre os militares, sendo que um dos soldados se expressa com a palavra “nice” (legal) após conceber a visão geral da cena. O comportamento em geral é natural, o que demonstra que fora uma missão cotidiana. Logo após é visto, o que o Wikileaks indica como Saeed, tentando se recuperar da ação, ferido. Os militares em todo momento buscam um pretexto pra atirar, perguntado se ele estaria com uma arma ou não. *“Tudo o que ele precisa fazer é pegar uma arma”*, um dos militares fala no rádio. Na próxima parte dos eventos ocorridos em 2007 é filmado o que a emissora norte americana NBC destacou como um assassinato de familiares e duas crianças seriamente feridas.<sup>113</sup>. É uma van que se aproxima no intuito de ajudar Saeed que estava caído.



Imagem 22 – Segundo ataque.

Fonte: <http://www.collateralmurder.com/en/index.html>. Acesso em: 14/11/13.

---

<sup>113</sup> Huffingtonpost. WikiLeaks VIDEO Exposes 2007 'Collateral Murder' In Iraq. Disponível em:

[http://www.huffingtonpost.com/2010/04/05/wikileaks-exposes-video-o\\_n\\_525569.html](http://www.huffingtonpost.com/2010/04/05/wikileaks-exposes-video-o_n_525569.html) Acesso em: 08/12/13.

Enfim, na sequência de eventos a infantaria chega ao local por terra e percebe as crianças feridas. No fim do vídeo o helicóptero acaba atirando em um prédio onde, segundo os militares, existia insurgentes se protegendo.

Impossível descrever a fonte inteira, nem é necessário, a descrição foi feita para que o leitor tenha uma visão geral do que se trata o documento. A partir de agora partiremos para algumas reflexões e interpretações sobre o arquivo *Collateral Murder*.

A peculiaridade desse arquivo, o que difere dos outros dois grupos de fontes, é que este documento foi produzido no helicóptero Apache americano e passou a ter sentido após a sua relação com o Wikileaks. Os outros arquivos anteriores foram fontes construídas no ciberespaço, ou seja, essencialmente documentos da Web.

Apesar de não ser um documento essencialmente do ciberespaço, o arquivo *Collateral Murder* só tem sentido depois do vazamento da organização Wikileaks, pois muito mais que relatar, como feito aqui, o arquivo tem um impacto na sociedade, principalmente na mídia mundial. Os arquivos sem contextualização não teriam sentido para o leitor comum, algo que a organização faz, e, além disso, busca apoio midiático, tendo como a figura de Julian Assange concedendo entrevistas para a Al Jazeera, NBC, The Guardian, e outros jornais já citados, explicando o que havia ocorrido e demonstrado pelas imagens. E nesse momento que percebemos a definição do ativismo do Wikileaks, pois a fonte, mesmo que com a versão original com livre acesso, tem amplitude mundial o arquivo que fora anteriormente manipulado pela organização de Assange. Sabemos que o conteúdo da fonte também é de suma importância e relevante, pois não relata uma exceção, sim, juntando com mais outros 75 mil diários militares sobre a guerra do Afeganistão, como 400 mil relatos secretos que comprovam tortura de prisioneiros e assassinatos indiscriminados no Iraque, um cotidiano nas invasões americanas<sup>114</sup>. Porém, a relevância aqui buscada nesse trabalho se dá a partir da relação do documento com o ciberespaço, e daí para a relação com a história. Dessa forma, o documento que faz com que ocorra uma crise diplomática mundial, assim como outros 700 mil vazados por Bradley Manning, certamente o mais importante, fora o arquivo *Collateral Murder* e não o arquivo puro, original sobre os assassinatos em Bagdá. Ou seja, o ativismo online é que faz com que ocorra esse fato histórico, sendo que Bradley

---

<sup>114</sup> ASSANGE, Julian...[et al]. *Op. Cit.* p 11.

Manning acaba condenado por ajuda ao inimigo a 35 anos de prisão pelo governo dos Estados Unidos<sup>115</sup>.

Calling it a case of "collateral murder," the WikiLeaks Web site today released harrowing video of a U.S. Army Apache helicopter in Baghdad in 2007 repeatedly opening fire on a group of men that included a Reuters photographer and his driver -- and then on a van that stopped to rescue one of the wounded men.<sup>116</sup>

Dessa forma as inúmeras peculiaridades ao se analisar fontes que são produzidas ou passam a ter sentido no ciberespaço.

---

<sup>115</sup> G1. Entenda o caso de Bradley Manning, condenado por vazar segredos. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/08/entenda-o-caso-de-bradley-manning-condenado-por-vazar-segredos.html> Acesso em: 08/12/13.

<sup>116</sup> Huffingtonpost. WikiLeaks VIDEO Exposes 2007 'Collateral Murder' In Iraq. Disponível em: [http://www.huffingtonpost.com/2010/04/05/wikileaks-exposes-video-o\\_n\\_525569.html](http://www.huffingtonpost.com/2010/04/05/wikileaks-exposes-video-o_n_525569.html) Acesso em: 08/12/13.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O ciberespaço não possui fronteiras. Alguns países agora enfrentam a importação de ideias liberais potencialmente desestabilizantes, com meios de expressão, transparência e responsabilidade apoiados por uma busca no Google, um vídeo no YouTube ou um tuíte, ameaças diretas a um sistema político restrito. A internet faz desses serviços ameaças domésticas ao regime no poder.*<sup>117</sup>

Dessa forma que Toomas Hendrik Ilves, presidente Estônia, discursou na ONU e deixou a sua preocupação com a amplitude do ciberespaço. A diferença crucial da internet para outros meios, é que a construção dos produtos midiáticos consumidos em boa parte é feita por pessoas comuns. Como visto no segundo capítulo com Lévy, o espaço da internet foi produzido de baixo para cima por um movimento social, o qual fez com que boa parte da cibercultura produzida dentro desse espaço tenha sua origem na sociedade em geral e não em pequenos grupos controladores da informação. Essa reflexão pode nos trazer a ideia de que se boa parte de tudo que está na internet é produzido pela maior parte da sociedade e, por sua vez, interagem em sentido de buscar copiar e construir a seus moldes as formas sociais do “mundo físico”, o ciberespaço então não é apenas um meio de comunicação, é um ambiente com vida social, cultura e história. O “ambiente envolvente”, conceito que vimos com Lévy, está cada vez mais se concretizando na sociedade contemporânea. Dessa forma, a relevância dos estudos culturais nesse espaço é de suma importância, pois é nesse ambiente que novas práticas e representações estão sendo construídas, como o ativismo online visto na página de *We are Khaled Said* e nos outros exemplos.

Nesse sentido a abordagem da história cultural, ao permitir um estudo de uma história vista de baixo, por exemplo, de uma pesquisa que leva em conta a interpretação da construção de práticas, no caso do ativismo, permitiram e contribuem para os estudos

---

<sup>117</sup> MENDONÇA, Felipe Marra. A política do Ciberespaço. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/768/a-politica-do-ciberespaco-7210.html>. Acesso em: 30/09/2013.

de fontes que estão na Web. Os exemplos usados para ilustrar as possibilidades de usos dessas matérias primas, demonstraram que são relevantes para entendermos um pouco mais sobre os protestos entre 2010 e 2013. Mais do que isso, o trabalho indica um debate irreversível, este qual buscará criar métodos, formas e interpretações especializadas sobre as fontes que estão nesse espaço. A partir da teoria estudada, assim como a tentativa de demonstrar fontes de importantes eventos históricos, demonstraram que a história está sendo construída também no espaço cibernético.



**FONTES:** Vídeo intitulado *Collateral Murder*. Disponível em:  
[http://wikileaks.org/wiki/Collateral\\_Murder, 5 Apr 2010](http://wikileaks.org/wiki/Collateral_Murder, 5 Apr 2010)

Imagens da página intitulada *We are all Khaled Said*. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk>

Publicações da página Carlos Latuff. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/realcarloslatuff?fref=ts>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSANGE, Julian et al. Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet. São Paulo: Boitempo, 2013.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O Historiador e as Fontes Digitais: Uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. Disponível em: [academia.edu/424584/O\\_HISTORIADOR\\_E\\_AS\\_FONTES\\_DIGITAIS\\_UMA\\_VISAO\\_ACERCA\\_DA\\_INTERNET\\_COMO FONTE PRIMARIA PARA PESQUISAS HISTORICAS](http://academia.edu/424584/O_HISTORIADOR_E_AS_FONTES_DIGITAIS_UMA_VISAO_ACERCA_DA_INTERNET_COMO FONTE PRIMARIA PARA PESQUISAS HISTORICAS)

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. A segunda guerra fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – Das rebeliões da Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO; Ana Paula Goulart. Comunicação e história. Partilhas Teóricas. Florianópolis: Insular, 2011.

BBC. “Próximo bilhão de usuários virá do celular” diz executivo do Facebook no Brasil. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1190864-proximo-bilhao-de-usuarios-vira-do-celular-diz-executivo-do-facebook-no-brasil.shtml>.

BBC. O parque que é pivô dos protestos na Turquia. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130606\\_turquia\\_importancia\\_gezi\\_taksim\\_fn.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130606_turquia_importancia_gezi_taksim_fn.shtml).

BELLOTI, Karina Kosicki. Mídia Religião e História Cultural. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2004/p\\_bellotti.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_bellotti.pdf).

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. Uma História Social da Mídia: De Gutemberg à Internet. 2º ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro : Zahar, 2008

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura – volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

DA CRUZ, Carole Ferreira. Wikileaks, Ciberativismo e a guerra pela liberdade de informação. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/24381>. Acesso em 08/11/2013.

FERREIRA, Lucia Maria Alves; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão. Para uma História do Tempo Presente:

o ensaio de nós mesmos. Disponível em: [http://www.anpuh-sc.org.br/revfront\\_17%20pdfs/art7\\_format\\_paraumahtp\\_eduardo.pdf](http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_17%20pdfs/art7_format_paraumahtp_eduardo.pdf)

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GELVIN, L. James. The Arab Uprisings . What everyone needs to know. New York: Oxford University Press. 2012.

G1. Entenda o caso de Bradley Manning, condenado por vazar segredos. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/08/entenda-o-caso-de-bradley-manning-condenado-por-vazar-segredos.html>.

HARVEY, David. Occupy. Movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

HUNT, Linn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUFFINGTONPOST. WikiLeaks VIDEO Exposes 2007 'Collateral Murder' In Iraq.

Disponível em: [http://www.huffingtonpost.com/2010/04/05/wikileaks-exposes-video-o\\_n\\_525569.html](http://www.huffingtonpost.com/2010/04/05/wikileaks-exposes-video-o_n_525569.html)

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luis Estevam; MORAIS, Marcus Vinicius de. História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

KURLANSKY, Mark. 1968: o ano que abalou o mundo. Tradução de Sônia Coutinho. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 2003

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MENDONÇA, Felipe Marra. A política do Ciberespaço. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/768/a-politica-do-ciberespaco-7210.html>.

MENDONÇA, Carla. “Sorry for disturbing: we’re trying to change Brasil”: Brazilian Youth, Civic Media and the Protests. Disponível em: <http://henryjenkins.org/2013/07/sorry-for-disturbing-were-trying-to-change-brazil-brazilian-youth-civic-media-and-the-protests.html>

MARICATO, Ermínia et al. Cidade rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O Caso Wikileaks: desafios ao historiador do tempo presente. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300874322\\_ARQUIVO\\_ANPUH2011A.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300874322_ARQUIVO_ANPUH2011A.pdf)

PRIMO, Alex. Interações em rede. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PÚBLICO. Polícias que mataram blogger egípcio condenados a sete anos de prisão.

Disponível em: <http://www.publico.pt/mundo/noticia/policias-que-mataram-blogger-egipcio-condenados-a-sete-anos-de-prisao-1518384>

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. P

ROLNIK, Raquel. Praça Taksim: protestos em Istambul pelo direito à Cidade. Disponível em: <http://raquelrolnik.wordpress.com/2013/06/04/praca-taksim-protestos-em-istambul-pelo-direito-a-cidade/>

RUDÉ, George. A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730 – 1848. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

RÜDIGER, Francisco. As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011

THE GUARDIAN. Bradley Manning's personal statement to court martial: full text. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2013/mar/01/bradley-manning-wikileaks-statement-full-text> Acesso em: 09/12/13.

UOL. Primeiro-ministro nega primavera turca e culpa redes sociais pó protestos. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/06/03/primeiro-ministro-nega-primavera-turca-e-culpa-redes-sociais-por-protestos.htm>

VALERIE, Guichaoua. Julian Assange, o guerreiro da verdade: Wikileaks, a biografia do criador. São Paulo: Prumo, 2011.

VIEIRA, Vivian Patricia Peron. O papel da comunicação digital na Primavera Árabe: Apropriação e mobilização social. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT-05-Comunicacao-e-Sociedade-Civil-Vivian-Peron1.pdf>.